

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E TERRITORIALIDADES

SABRINA SOARES ROSAS

**PERCURSO DAS MULHERES NA VILA DOIS RIOS:  
FLUXOS E FRONTEIRAS DAS PRÁTICAS FEMININAS**

NITERÓI  
2020

**SABRINA SOARES ROSAS**

**PERCURSO DAS MULHERES NA VILA DOIS RIOS:  
FLUXOS E FRONTEIRAS DAS PRÁTICAS FEMININAS**

Projeto de Mestrado apresentado ao  
Programa de Pós-Graduação em Cultura e  
Territorialidades da Universidade Federal  
Fluminense para

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Flávia Lages de  
Castro

NITERÓI  
2020



Dedico este trabalho às mulheres da minha vida, bruxas e santas, futuras e ancestrais. Também dedico ao meu pai, Joel Thurler Rosas.

## AGRADECIMENTOS

Sou grata pela confiança depositada na minha proposta de projeto pela minha professora Flávia Lages de Castro, orientadora do meu trabalho. Obrigada por me manter motivada durante todo o processo. Por último, quero agradecer também à Universidade Federal Fluminense e todo o seu corpo docente.

*“Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. [...] E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história.”*

(Ailton Krenak)

## RESUMO

O presente trabalho busca favorecer narrativas femininas acerca de seus percursos na Vila Dois Rios, associando seus fluxos e fronteiras com as próprias transformações da natureza, apoiado em trabalhos realizados por pensadoras na área de gênero e, também, criando um contraponto com as forças do patriarcado representadas, em especial, pela presença centenária de instituições carcerárias no território. Incorporada às protagonistas, a presente narradora/ouvinte traz um discurso em primeira pessoa, remetendo às práticas da tradição oral enquanto “contadora de histórias” compartilhadas.

**Palavras-chave:** Mulheres; Natureza; Presídio; Patriarcado; Fluxos; Fronteiras;

## RESUMEN

El presente trabajo busca favorecer las narrativas femeninas sobre sus trayectorias en Vila Dois Rios, asociando sus flujos y fronteras con las propias transformaciones de la naturaleza, apoyándose en trabajos realizados por pensadores en el área de género y creando también un contrapunto con las fuerzas del patriarcado. representada, en particular, por la presencia centenaria de las instituciones penitenciarias en el territorio. Incorporado a los protagonistas, el narrador / oyente presente trae un discurso en primera persona, refiriéndose a las prácticas de la tradición oral como “narrador” compartido.

**Palabras clave:** Mujer; Naturaleza; Presidio; Patriarcado; Flujos; Fronteras



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I – PACHAMAMA</b>	<b>4</b>
1.1 A maternidade como parte da identidade e poder femininos	4
1.2 Os Feminismos e suas relações com o Ambientalismo	6
1.3 Arquipélago e Arquétipos: As protagonistas desta história	9
1.4 Bruxas e Santas: O Conhecimento do Feminino entre o Público e o Privado.	23
<b>Capítulo II - ILHA DOS HOMENS</b>	<b>30</b>
2.1 Do Depósito ao Museu: Objetos, Ações e Espaço Geográfico	30
2.2 Orfãos do Pai Presídio	43
2.2.1 No paraíso: Excluídos sociais, perseguidos políticos e o Comando Vermelho	43
2.2.2 Heranças do Pai Presídio	49
2.2.3 Banalização da Vida	53
<b>Capítulo III - DIÁRIO DE BORDO</b>	<b>57</b>
3.1 Trabalho de Campo	57
3.1.1 Contrato Administrativo	57
3.1.2 Reencontros e Releituras	66
3.1.3 Despedidas e Homenagem	69
3.2 Entrevistas	73
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>83</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Pachamama.....	4
Imagem 2 -Baía da Ilha Grande.....	12
Imagem 3 -Mapa Ilustrado da Ilha Grande.....	14
Imagem 4 -Entrada da Vila Dois Rios.....	15
Imagem 5 -Marilda Caiares no Ecomuseu.....	18
Imagem 6 -Dona Teresa e seu esposo.....	19
Imagem 7 -Celi e suas netas.....	20
Imagem 8 -Teresa e seu esposo.....	21
Imagem 9 -Sabrina Rosas e integrantes da comunidade.....	22
Imagem 10- Vila Dois Rios do Ponto de vista da entrada do Museu do Cárcere	30
Imagem 11- Instituto Penal Cândido Mendes.....	36
Imagem 12 -Implosão do Instituto penal Cândido Mendes.....	36
Imagem 13 -Canoa e remos caiçaras.....	42
Imagem 14 -Sabrina Rosas em entrevista para equipe de audiovisual da UERJ	59

Imagem 15 – Sabrina Rosas com jovens da comunidade.....	59
Imagem 16 -Sabrina Rosas com Sr. Henrique(caiçara e ex funcionário do presídio).....	60
Imagem 17 -Oficina do Projeto Ecomuseu Recicla.....	61
Imagem 18 -Oficina do Projeto Ecomuseu Recicla.....	62
Imagem 19 -Materiais adquiridos pelo Ecomuseu para oficinas.....	62
Imagem 20 -Peixe de garrafa PET criado por artesão da Vila Dois Rios.....	63
Imagem 21 -Saboneteira com tema floral, feito de garrafa PET por artesã da Vila Dois Rios.....	63
Imagem 22 -Prédio da antiga escola.....	68
Imagem 23 -Celi e eu, na cantina.....	70
Imagem 24 -Andersom chegando da pescaria.....	71
Imagem 25 -Cantina da Vila.....	72
Imagem 26 -Tetê e eu, na cantina.....	72
Imagem 27- Matéria sobre a Cantina.....	73
Imagem 28 -Café na cantina, com os amigos da comunidade.....	76
Imagem 29 -Museu do Meio Ambiente (MUMA).....	77

Imagem 30 -Brinde do Projeto Juntos Por Dois Rios.....80

Imagem 31 -Publicação de agradecimento.....81

Imagem 32 -Gincana.....81

Imagem 33 -Comentários da postagem.....82

## INTRODUÇÃO

Preciso contar uma história, apesar de ela não ser minha. Então, peço licença à Ilha Grande<sup>1</sup>.

Muitos estudiosos e pesquisadores já colaboraram com suas teses e descobertas acerca dos seus diferentes momentos históricos, mas me pergunto, sempre: como a Ilha contaria sua própria história?

Sei que parece estranho humanizá-la desta maneira e acreditar que poderia descrever suas próprias impressões, como a perspectiva de um pedaço de terra cercado de água por todos os lados, mas se ficarmos atentos, poderemos perceber todos os sinais do tempo, neste espaço, como a mais clara forma de comunicação.

Tomo como ponto de partida minha própria relação com ela, desde que lá cheguei pela primeira vez. Me senti acolhida, renascida de uma nova mãe, ela mesma, a Ilha.

Neste caminho, sob uma óptica feminina na concepção desta história que devo contar, elegi as mulheres da comunidade da Vila Dois Rios como representantes narradoras, nascidas de diferentes formas desta grande ilha-mãe, das quais me torno interlocutora.

Para dar corpo e forma ao meu intento, busco referências em outras personalidades femininas, intelectuais e pensadoras de gênero, suas questões quanto a escrever a história sob a percepção do feminino e, ainda, suas reflexões sobre a maternidade e a terra.

Neste rumo, inicio com as palavras de Djamila Ribeiro<sup>2</sup>, que nos traz a reflexão necessária para este contexto, na urgência de romper com velhas fronteiras construídas e também com as margens, enquanto espaço que nos foi delimitado historicamente: "Pensar em lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia." (RIBEIRO,2017: 90)

Pretendo investigar o percurso das mulheres na Vila Dois Rios, no que diz respeito às fronteiras construídas e desconstruídas a partir de suas práticas e fluxos, para além das limitações naturais geográficas, porém as incluindo, levando em conta as histórias da região e todo o trânsito cultural, ampliando a perspectiva na direção dos hibridismos, nas

<sup>1</sup>Ilha Grande é o nome de uma ilha localizada no litoral sul do estado do Rio de Janeiro, integrante do município de Angra dos Reis.

<sup>2</sup> Djamila Taís Ribeiro dos Santos é uma filósofa, feminista e acadêmica brasileira. É pesquisadora e mestra em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo.

construções narrativas das memórias, identidades e representações deste público.

Com poucos dados (empíricos) acerca dessas mulheres, o projeto buscará responder questões como: Qual o seu papel nas produções de sentido? Quais são, e de que tipo são as fronteiras que elas construíram e/ou desconstruíram em suas trajetórias? Quais práticas e fluxos lhes atribuem poder?

Minhas referências femininas na comunidade para este projeto, à princípio, seriam:

- Dona Teresa, da cantina da vila que, na verdade, chama-se Maria José, mas prefere ser chamada Teresa. Chegou à Vila com sua família na época do presídio onde seu marido trabalhava como funcionário e, desde então, assumiu a cantina que atendia tanto à comunidade quanto aos detentos. Hoje, a cantina atende os moradores, os estudantes, pesquisadores e turistas;

- Dona Marilda que chegou à vila na época do presídio para visitar uma prima “acabou ficando”. Lá, ela se casou e criou seus filhos. Hoje faz artesanato, utilizando resíduos sólidos que são expostos nas dependências do Ecomuseu Ilha Grande e vendidos para os turistas;

- Dona Teresa Cantuária, nascida e criada na Ilha Grande. Casou-se com um funcionário do presídio, muito respeitado na comunidade, com quem teve seus 12 filhos. Com a chegada da UERJ, tornou-se uma das cozinheiras do Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável. Junto com outros moradores, ela e sua família fundaram uma igreja evangélica, cujo pastor é seu marido.

Durante o desenvolvimento deste projeto, novas e urgentes questões se apresentaram, atravessando conceitos e referenciais pré-definidos. Entre elas, as eleições de 2018 e a Pandemia do Covid 19, evidenciadas a partir do trabalho de campo realizado no final de 2019, cuja experiência será relatada mais a frente, e os contatos virtuais com a população da Vila Dois Rios durante a quarentena em 2020.

Ainda neste contexto, refletirei acerca das relações de poder desenvolvidas com base em questões de gênero, migrações e diásporas, com interesse também no acesso às tecnologias recentemente adquiridas na localidade, tais como, internet e telefonia celular, assim como os meios de transporte, observando isolamento e movimentação, tanto das coisas como das ideias.

Sendo inevitável meu lugar de fala, na condição de observadora consciente e ativa em diferentes trânsitos desta comunidade, quero aqui evidenciar o papel de narradora/ouvinte da história, que numa perspectiva efetiva é também afetiva, como arte-educadora responsável por suas memórias no “território temporário”, assumindo a

responsabilidade de promover esclarecimentos acerca dos peculiares papéis culturais, ativos e passivos, deste enredo.

Dessas memórias, matéria-prima da contadora de histórias, somada à experiência de educadora, me identifico e me comunico com as formas mais singelas da narrativa, como expressão/linguagem cultural.

Realizadas as primeiras entrevistas, mas impedida, mesmo que temporariamente, a um novo trabalho de campo, desenvolvi um método de seleção das personalidades femininas da Vila e de seus relatos, baseado em 3 momentos das suas histórias : Instituições Carcerárias; Desativação do presídio e abandono de sua população pelo Estado; Concessão do território para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Desta forma, acolhi 3 gerações de mulheres, suas relações com o presídio, com a maternidade e com o espaço de trabalho/poder, relacionadas à exuberante natureza no qual estão inseridas.

Sendo assim, apresento esta narrativa que, apesar de reformulada em alguns pontos, mantém seus objetivos primeiros, justo e por isso mesmo, atravessados por questões antes trabalhadas como transversais, assumindo-as, agora, como intersecções essenciais para significação coerente do projeto.

O Capítulo I traz a reflexão acerca do feminino a partir da relação Mulher-Natureza, evocando sua forma etérea na divindade ameríndia PACHAMAMA, apresentando as protagonistas desta história e trazendo pensadoras de gênero com as quais dialogo neste processo de exaltação de suas potências.

O Capítulo II se pretende um contraponto, trazendo diferentes representações e ações do patriarcado, dialogando com o espaço geográfico à partir de conceitos antropológicos e filosóficos, esclarecendo os fluxos e fronteiras das práticas femininas.

O Capítulo III que encerra o trabalho, traz uma espécie de diário, contando detalhadamente toda a trajetória da narradora/ouvinte/integrante.

## Capítulo I - PACHAMAMA

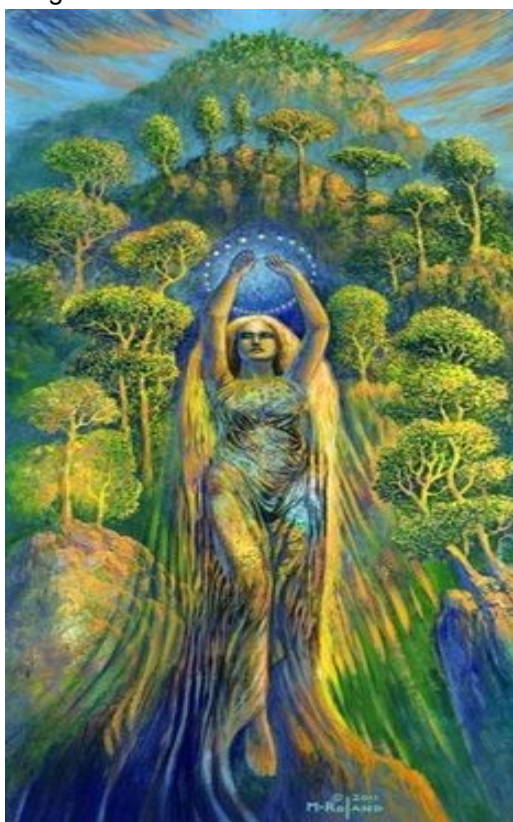
### 1.1 A Maternidade como parte da identidade e poder femininos

Materializar um conceito subjetivo não é tarefa fácil... Mas Pachamama é a representação etérea, essencial e também física do que mais nos contextualiza enquanto feminino potente! Materializada, em especial, nas qualidades atribuídas ao feminino na sua associação com a natureza, como a terra que nos dá vida, alimento base para toda criação e existência.

Uma batalha feroz contra essa potência foi implantada pelas culturas ocidentais patriarcais, para instaurar valores de dominação e controle. Por medo ou por ganância? Possivelmente ambos. Subjugar a potência do que não é seu para controlar. Foi o que fizeram com a natureza, é o que fazem com as mulheres e o que determinou um caminho destrutivo de toda essência da vida!

Conclamo, então, esta força geradora, que sustenta e alimenta toda forma de vida, representada por algumas culturas ameríndias como Pachamama. E nesta minha narrativa, associada a própria Ilha Grande, lhe oferto espaço e tempo de fala!

Imagem 1- Pachamama



Fonte: Moon Roos (2011)



Ela é a Deusa da fertilidade ou a maior Divindade feminina cultuada em diversas culturas - principalmente a Inca -, e tem suas origens na mitologia do mesmo local. Seu nome deriva-se do Quéchuá, uma antiga língua utilizada pelos povos andinos, anteriores aos Incas. Pachamama, tem o significado de “Mãe Terra” ou o verdadeiro significado como “Mãe de todos”, lembrando que Mama é “Mãe” e o Pacha como “terra”, “mundo”, “cosmos”, assim chamada também de “Mãe Cósmica”. Geralmente ela é representada com o corpo espalhado em uma forma simétrica, ou como parte da própria natureza. Simboliza também a perfeição em sua forma. Em algumas representações ela está toda envolvida em um círculo com pernas e braços estendidos, contendo um bebê em seu colo. Sempre sorrindo ou serena para trazer paz aos seus filhos. Visualmente, as imagens dela simbolizam uma mulher calma e que está sempre em picos de trabalho, isto é, sempre fabricando vidas. Seu corpo demonstra tranquilidade e segurança fazendo parte do mundo.

Calma e paz não foram as características que impulsionaram a ganância do ser humano, nem a sua necessidade de dominação. Mas, enquanto potência de criação da vida e manutenção da mesma através da produção de alimentos, a natureza/terra tornou-se alvo de controle e disputas. E ainda, associando estas qualidades ao feminino, no âmbito biologizado, em especial após a segunda guerra mundial, temos sociedades pautadas em princípios que determinam um lugar restrito e condicional para a mulher. Apropriando-se das suas virtudes e regulando sua capacidade de gerar a vida de acordo com interesses do capital.

A maternidade começava, então, a ser compreendida como uma construção social, que designava o lugar das mulheres na família e na sociedade, isto é, a causa principal da dominação do sexo masculino sobre o sexo feminino. Com base nesta evidência, a crítica feminista considerava a experiência da maternidade como um elemento-chave para explicar a dominação de um sexo sobre outro: o lugar das mulheres na reprodução biológica – gestação, parto, amamentação e conseqüentes cuidados com as crianças – determinava a ausência das mulheres no espaço público, confinando-as ao espaço privado e à dominação masculina.  
(SCAVONE, 2001, p. 138-139)

É muito compreensível termos os movimentos feministas questionando a maternidade, no sentido de que esta qualidade era um alvo de dominação. Fomos subjugadas e impedidas por nossos pais e maridos de ocupar nosso lugar no mundo público, com nossas essências, assim como foram construídas barragens nos rios, morros implodidos e devastadas as florestas. Mas a natureza segue seu curso. É impossível detê-la quando quer retomar seu espaço. E também é assim com as mulheres:

nos empoderamos para romper barreiras.

A maternidade passa a ser considerada como um poder insubstituível, o qual só as mulheres possuem e os homens invejam. Neste momento, a reflexão feminista também dialoga com as ciências humanas e sociais: em teses lacanianas, que valorizam o lugar das mulheres na gestação, lembrando que o cordão umbilical, unindo o feto à mãe, é fonte de vida e poder; em teses históricas que resgatam a experiência da maternidade como parte da identidade e poder femininos; em teses antropológicas que, analisando as manifestações culturais da maternidade, recuperam o saber feminino que lhe está associado. Do ponto de vista foucaultiano todo saber tem sua gênese em relações de poder, isto significa que, ao resgatar o saber feminino associado à maternidade, esta segunda etapa da reflexão feminista dá visibilidade ao poder que as mulheres exercem na sociedade mediante este fenômeno bio-psíquico-social que é a maternidade. Esta abordagem situa-se na corrente do feminismo diferencialista, refletindo suas lutas pela afirmação das diferenças e da identidade feminina.  
(SCAVONE, 2001, p. 140-141)

Prentendo aqui vasculhar ausências, em condições históricas de desequilíbrio e de restrições do lugar de fala da mulher/mãe/terra.

Convido para uma reflexão sobre pontos de vistas, experiências ímpares... abrir os horizontes da percepção para as múltiplas e férteis existências.

Para dar a liga nas intersecções, como proposta para construção do conhecimento:

...se considerarmos que a epistemologia define um campo e uma forma de produção do conhecimento, o campo conceitual a partir do qual operamos ao produzir o conhecimento científico, a maneira pela qual estabelecemos a relação sujeito-objeto do conhecimento e a própria representação de conhecimento como verdade com que operamos, deveríamos prestar atenção ao movimento de constituição de uma (ou seriam várias?) epistemologia feminista, ou de um projeto feminista de ciência. O feminismo não apenas tem produzido uma crítica contundente ao modo dominante de produção do conhecimento científico, como também propõe um modo alternativo de operação e articulação nesta esfera. Além disso, se consideramos que as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, ao menos até o presente, uma experiência que várias já classificaram como das margens, da construção miúda, da gestão do detalhe, que se expressa na busca de uma nova linguagem, ou na produção de um contradiscurso, é inegável que uma profunda mutação vem-se processando também na produção do conhecimento científico.  
(RAGO, 1998, p. 24-25)

Provocando o pensamento, numa simples inclusão do vasto conhecimento do feminino suprimido pelos interesses do Capital/Patriarcado, acompanhem-me!

## **1.2 Os Femininos e suas relações com o Ambientalismo**

A natureza segue seu curso. Segue seu rumo, como os bichos que atravessam

seus caminhos e transformam as paisagens, por luz, por calor, por alimento, por água... que participam e sentem mais estas alterações quando se sintonizam com a Natureza que os abraça. O “bicho homem”, que é de inventar coisas, começou a observar e se utilizar disso para sua sobrevivência... caçou, extraiu, plantou, irrigou...desviou...

Algumas culturas tiveram sucesso nestas interações/intervenções, respeitando e dando ao/para receber. Outros povos seguiram outra trilha, explorando, pegando para si o que bem quisessem, sem dar nada em troca. Aconteceu que esses segundos ganharam muito poder com suas ações e se tornaram referências para as demais. Todos querendo PODER, em especial, sobre o que seria de todos com todos, na gana do possuir apenas para si. Então, criaram e desenvolveram formas, sem consciência sócio-ambiental, para ter/poder mais, afirmando um total desrespeito à natureza.

A associação Mulher-Natureza existe em diversas culturas. Tanto por ambas gerarem a vida e o alimento, mas em especial por serem objetos de dominação do patriarcado:

Ao longo da história, a consciência feminina teria sido submersa pelo crescimento da cultura masculina que envolveu toda a sociedade, socializando os sexos a partir do ponto de vista masculino. É na perspectiva masculina de cultura, o trabalho material da mulher é definido como inferior. O mundo material é visto como algo separado do homem, mas simbolicamente vinculado a mulher.

A Terra, local onde crescem plantas e nasce a vida animal, liga-se simbolicamente ao corpo feminino de onde surge a vida. Com o desenvolvimento da agricultura do arado e da escravidão, a conexão mulher/natureza adquire outra faceta. Embora sejam dois suportes dos quais os homens dependem, passam a ser vistas como algo que ele domina com poder coercitivo. [...]

O trabalho feminino se identifica com o trabalho escravo. A mulher da família foi definida como escrava de alto padrão, acima da categoria dos escravos conquistados. Na lei patriarcal, as mulheres, escravos, animais e terras estão simbólica e socialmente ligados entre si. Todos são propriedades e instrumentos de trabalho possuídos e controlados pelo homem.

(GARCIA, 2009, p. 98)

Seguindo nesta direção reflexiva, encontrei um conceito muito expressivo: o Ecofeminismo. Feministas em diferentes partes do mundo se identificaram com as questões ambientais e uniram suas lutas em função do desenvolvimento integral de elementos essenciais para a existência humana. Também caracterizada pela luta em comum contra o poder coercitivo das sociedades patriarcais capitalistas.

O ecofeminismo poderia ser encarado como uma escola especial de ecologia social, uma vez que também ele aborda a dinâmica básica de dominação social dentro do contexto do patriarcado. Entretanto, sua análise cultural das muitas facetas do patriarcado e das ligações entre feminismo e ecologia vai muito além

do arcabouço da ecologia social. Os ecofeministas vêem a dominação patriarcal de mulheres por homens como o protótipo de todas as formas de dominação e exploração: hierárquica, militarista, capitalista e industrialista. Eles mostram que a exploração da natureza, em particular, tem marchado de mãos dadas com a das mulheres, que têm sido identificadas com a natureza através dos séculos. Essa antiga associação entre mulher e natureza liga a história das mulheres com a história do meio ambiente, e é a fonte de um parentesco natural entre feminismo e ecologia. Conseqüentemente, os ecofeministas vêem o conhecimento vivencial feminino como uma das fontes principais de uma visão ecológica da realidade. (CAPRA, 1996, p. 18)

Mas, assim como existem diferentes feminismos, também existem diferentes Ecofeminismos, adquirindo peculiaridades de acordo com seus contextos sociais e regionais. Seja na Europa, na América do Norte, ou nos chamados países do Terceito Mundo, encontramos especificidades culturais que conduzem essa associação feminismo e ambientalismo por lutas específicas a partir de suas tradições e realidades.

É inegável a distinção entre a realidade das mulheres indianas, por exemplo, cuja cultura associa a mulher com os cuidados à terra, com a de outras realidades femininas nas esferas acadêmicas e de mercado. Colocar todas as questões e padronizá-las em um único formato seria inconsequente, pois são tantas as intersecções que injustiças e/ou privilégios seriam reafirmados. Mas podemos estudar cada realidade para encontrarmos o que partilhamos em nossos argumentos, unindo forças para a transformação.

Para a autora Loreley Garcia<sup>3</sup>, sobre as múltiplas versões do Ecofeminismo:

A despeito das diferenças ideológicas, as diversas correntes partilham alguns argumentos, são eles:

- na ordem simbólica patriarcal existem importantes ligações entre a dominação e a exploração das mulheres e da natureza, embora interpretem esta relação de acordo com diferentes enfoques;
- denunciam a associação que o patriarcado estabelece entre as mulheres e a natureza. A biologia das mulheres, seu corpo (a capacidade para gestar e criar vida) faz que estejam numa posição de maior proximidade com a natureza, permitindo uma identificação com ela;
- Os homens, supostamente guiados pela razão, em oposição à intuição feminina, pertencem ao mundo da cultura. Devido à capacidade para controlar e transformar a natureza, a cultura se considera superior à natureza. Os binômios mulher-natureza/ homem-cultura e a superioridade da cultura sobre a natureza no patriarcado explicam porque as mulheres seriam consideradas inferiores;
- Considera que a dominação e exploração das mulheres e da natureza têm origem comum, o que as coloca numa situação privilegiada para acabar com a dominação;
- os movimentos feminista e o ecologista têm objetivos comuns (a igualdade de direitos, abolição de hierarquias), devem trabalhar conjuntamente na construção de alternativas teóricas e práticas.

(GARCIA, 2009, p. 106-107)

3 Professora Titular da Universidade Federal da Paraíba. Realizou Estágio Senior, com bolsa Capes, na Southern Oregon University/EUA (2015/16). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1982), Mestrado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (1987) e Doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1995).

Então, daqui do meu lugar de fala como mulher latino-mericana, com o objetivo de mediar e favorecer as falas de outras mulheres cujas vivências estão ligadas à Ilha Grande e cujas histórias estão semeadas e cultivadas a partir de um percurso sócio-ambiental específico, segue o movimento com relação à essas realidades, ainda somadas às questões religiosas inevitáveis:

Na América Latina, particularmente no Chile, Brasil, México, Uruguai, Bolívia, Argentina, Peru e Venezuela, no rastro da Teologia da Libertação está se elaborando um pensamento teológico ecofeminista. A teóloga brasileira Yvone Gevara sustenta que hoje, a justiça social implica ecojustiça. Este ecofeminismo latino americano se caracteriza por seu interesse pelas mulheres pobres, a defesa dos indígenas, vítimas da destruição da Natureza. Ela conclama o abandono da imagem patriarcal de Deus como dominador e o dualismo da antropologia cristã tradicional (corpo/espírito). A transcendência não se baseia no desprezo da matéria, mas se define como imersão no mistério da vida, pertence a um todo que nos transcende. Será concebida como "experiência da beleza, da grandiosidade da natureza, de suas relações e sua interdependência". Nesta teologia latino americana, o ecofeminismo é uma postura política crítica da dominação, luta antissexista, antirracista, antielitista e antiantropocêntrica.  
(GARCIA, 2009, p. 104)

No caso específico das mulheres da Vila Dois Rios, temos suas vivências imersas nestas polaridades, quando percebemos a natureza exuberante enquanto a representação da divindade aqui exaltada, PACHAMAMA, e as relacionamos com a presença centenária de sistemas carcerários, que aqui serão as representações do PATRIARCADO.

E de que forma também somos parte disso? Com qual desses lados nos identificamos e somamos em força?

Antes que respondam, trago mais elementos para reflexão. Fiquem todos confortáveis em desconfortos necessários e urgentes para colocar-se como ser pensante.

### **1.3 Arquipélago e Arquétipos: as protagonistas desta história**

Para apresentar minhas protagonistas inicio com o relato da minha própria trajetória ao encontro da Ilha Grande e meu conseqüente renascimento entre suas camadas de tempo e histórias.

Baseada em um artigo de minha autoria, publicado pelo ENECULT<sup>4</sup>, escrevo acreditando que os fenômenos descritos também possam conduzi-los por estes caminhos, promovendo níveis de identificação nas transformações inevitáveis existentes

4 Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado pela Universidade Federal da Bahia.

em novos percursos.

Essas transformações, em sua maioria, se dão a partir de simples mudanças de paradigmas, como eliminar rótulos a que nos condicionamos e abrir o “leque das possibilidades”, numa perspectiva geopoética.

Como exemplo, sempre me considerei péssima aluna de Física. As matérias da área de humanas sempre me envolveram mais e as exatidões me atormentavam a criatividade. Mas devo admitir meu fascínio por sua lógica, fórmulas e referenciais, apesar de explicar fenômenos que, para mim, deveriam sempre ser mágicos. Ela investiga as leis do universo, no que diz respeito a matéria e a energia, e suas relações.

Decorei algumas de suas regras, passei de ano na escola e assim achei que tinha me despedido dela.

Que nada!

A Física foi me abordando pelos caminhos das Artes, das Histórias e das Mediações.

A primeira vez que me dei conta disso, trabalhava como arte educadora no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro, por volta de 2004. Fazia uma visita mediada com o público em geral, pelos arredores do prédio, que fica ali no corredor cultural do Centro do Rio, entre Casa França Brasil e Centro Cultural dos Correios. Assumia a personagem histórica de Carolina de Assis, que foi esposa de Machado de Assis, com toda caracterização, e convidava o público para uma “viagem no tempo” através da leitura de fachadas, caminhando pelas ruas estreitas, comparando estilos e ritmos entre os tempos.

Ops! Viagem no tempo? Trajetórias? Velocidades? Caramba! Eu estava falando de Física!

Experiei esta visita ao menos 2 vezes por semana, por mais de 2 anos, trocando saberes com grupos de diferentes perfis. Todas as vezes com uma fórmula em mente e em suas múltiplas funções na interpretação das culturas:  $V_m = \Delta S / \Delta T$ <sup>5</sup>

Como assim?

Vamos lá:  $\Delta S$  é o espaço percorrido;  $\Delta T$  é o intervalo de tempo;  $V_m$  é a

<sup>5</sup> Em Física, o conceito de deslocamento é a medida da distância entre duas posições ocupadas pelo corpo em movimento, sobre uma trajetória. Essa medida costuma ser obtida entre duas referências como, por exemplo, entre marcos quilométricos de uma estrada. Já o conceito de velocidade escalar nos dá a ideia numérica da rapidez com que o corpo se movimenta e em que orientação ele o faz. Essa velocidade pode estar relacionada a um intervalo de tempo, quando é denominada velocidade escalar média. A velocidade escalar instantânea representa a velocidade de um móvel num determinado instante de seu movimento. A velocidade escalar média ( $v_m$ ) de um móvel é, por definição, a razão entre o deslocamento escalar ( $\Delta S$ ) e o intervalo de tempo ( $\Delta t$ ) gasto para percorrê-lo.

velocidade média.

A razão entre o  $\Delta S$  e o  $\Delta T$  também me esclareceu muito sobre determinadas Culturas, como elemento que determinava suas criações e sentidos, enquanto relacionava práticas culturais com seus espaços e tempos de ocorrência. Por exemplo: Carolina de Assis viveu no Rio de Janeiro, no final do séc XIX. Suas roupas eram pesadas e longas e com muitas camadas. Ela levava muito tempo para se vestir. Também levava muito tempo para se deslocar pela cidade. Tinha mais tempo para observar as pessoas com quem cruzava pelo caminho e para ler as fachadas dos prédios com todos os seus detalhes. Levava muito tempo para receber informações de outros lugares, mas tinha mais tempo de contemplação e reflexão. O carioca do séc XXI usa roupas mais práticas e leves, anda quase correndo pela cidade e não enxerga as pessoas com quem cruza no caminho da pressa. Deslocando-se de carro, nunca veria detalhes nos prédios. No máximo, lê um anúncio de outdoor. É sobrecarregado de informações, mas tem muito menos tempo para contemplação e reflexão.

Estas questões me acompanharam para além das visitas que mediava, tornando-se quase uma compulsão, relacionando-as a praticamente todas as minhas experiências com o tempo e os espaços pelos quais interagia. Comecei a questionar meu próprio modo de vida, trocas com outras pessoas e novas vivências adquiridas, me perguntando se não estaria indo rápido demais. Em especial, quando percebia que muitas vezes eu não conseguia impor minha própria velocidade nos trânsitos, quase sendo empurrada para frente. Então, resolvi repousar.

Aliás, repouso e movimento são conceitos relativos, segundo a Física. Tudo depende do referencial<sup>6</sup>. Enquanto repousei meus movimentos no mundo, caminhei por longos caminhos na minha própria consciência. A partir daí e das minhas opções, finalidades e potenciais atividades, dei um salto para trás, para então seguir em frente, desacelerando<sup>7</sup>, me conduzindo em uma direção de identificação com as palavras de Guattari<sup>8</sup>:

O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável

6 Em Física, é chamado de referencial o corpo em relação ao qual se identifica se o móvel em estudo está em movimento ou em repouso. Sendo assim a noção que venhamos a ter de movimento ou de repouso de um corpo, sempre estará relacionada a outro corpo e dependerá dele para ser definida naquela circunstância. É importante saber também que a forma da trajetória que um corpo descreverá depende do referencial que se adotou.

7 Em Física, aceleração é a taxa de variação da velocidade em relação ao tempo, ou seja, é a rapidez com que a velocidade de um corpo varia. É uma grandeza vetorial que, como tal, possui módulo, direção e sentido.

8 Psicanalista e filósofo, Pierre Félix Guattari nasceu em 1930, em Villeneuve-les-Sablons, uma vila perto de Paris, e morreu na noite de 29 de agosto de 1992.

crescimento demográfico. Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquínico redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial. Mas com que finalidade? A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou a da cultura, da criação, da pesquisa, da re-invenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade?  
(GUATTARI, 2001, p. X)

Neste sentido, Guattari desenvolve uma articulação que chama de Ecosofia, envolvendo três registros ecológicos, o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana, na busca de uma maior compreensão acerca das questões que deterioram o nosso planeta, os nossos modos de vida individuais e coletivos.

Nessa mesma busca, me reorientei. Seguindo minha intuição, associada a uma insatisfação não compreendida, me desloquei dos espaços saturados deste nosso mesmo tempo, na expectativa de uma nova e própria velocidade.

Em 2009 fui convidada para assumir as ações em arte educação do Ecomuseu Ilha Grande<sup>9</sup>, através do Departamento Cultural da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tinha, então, encontrado meu ponto de partida e uma direção para seguir.

Imagem 2 - Baía da Ilha Grande



Fonte: <http://www.riachodoscambucas.com.br/como-chegar>

9 O Ecomuseu Ilha Grande é um programa de extensão vinculado ao Departamento Cultural da Sub-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui quatro núcleos básicos – Centro Multimídia, Museu do Cárcere, Museu do Meio Ambiente e Parque Botânico – que funcionam de forma integrada com o meio-ambiente e a comunidade da ilha, tendo sede em Vila Dois Rios.



Da trajetória, destino à Vila Dois Rios, desde o Maracanã, com embarque em Mangaratiba, atravessando a baía de Angra dos Reis. Da barca, que me fez repouso, observei as ilhas que passavam pela janela e o vento que levava tudo aquilo que ficava para trás, no continente. Em frente, uma grande massa de terra, impossível de ver seus limites, apenas suas grandezas. Sublime!

Nesse contexto, cercada de tantos referenciais, não pude evitar que meus pensamentos corresse entre Fritjof Capra<sup>10</sup>, em *O Ponto de Mutação*, e Ernest Hemingway<sup>11</sup>, em *Por Quem os Sinos Dobram*. Ambos inspirados pelo poema de John Donne<sup>12</sup>, nos idos do séc XVI:

Nenhum homem é uma ilha; cada homem é uma partícula do continente, uma parte da terra; se um torrão é arrastado para o mar, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse o solar de teus amigos ou o teu próprio; a morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte do gênero humano. E por isso não perguntes por quem os sinos dobram; eles dobram por ti. (DONNE, Excerto "*meditação XVII*")

Desenvolvi relações com a condição de que também já fomos uma ilha, na nossa fase de gestação, cercados de água. E com o iminente potencial do corte do cordão umbilical.

Desembarquei na Vila do Abraão, com a bagagem nas costas e mais um transporte para pegar. Era um "carro oficial", dos poucos que podem circular pela Ilha Grande. Um micro-ônibus da UERJ, que saía, pontualmente, rumo à Vila Dois Rios.

10 Fritjof Capra (Viena, Áustria, 1 de fevereiro de 1939) é um físico teórico e escritor que desenvolve trabalho na promoção da educação ecológica. Capra recebeu, em 1966, seu doutorado em física teórica, pela Universidade de Viena, e tem dado palestras e escrito extensamente sobre as aplicações filosóficas da nova ciência.

11 Ernest Miller Hemingway (Oak Park, 21 de Julho de 1899 — Ketchum, 2 de Julho de 1961) foi um escritor norte-americano. Trabalhou como correspondente de guerra em Madrid durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Esta experiência inspirou uma de suas maiores obras, *Por Quem os Sinos Dobram*. Ao fim da (1939-1945), se instalou em Cuba. Em 1953, ganhou o Prémio Pulitzer de Ficção, e, em 1954, ganhou o prêmio Nobel de Literatura

12 John Mayra Donne (1572 – 31 de março de 1631) foi um poeta jacobita inglês, pregador e o maior representante dos poetas metafísicos da época.

Imagem 3 – Mapa Ilustrado da Ilha Grande



Fonte: <https://www.bahia.ws/ilha-grande-guia-turismo-viagem/>

O “Chapolin” foi conduzido pela estrada que cruza a ilha, do lado voltado para o continente, para o lado voltado para o mar-aberto. Seus passageiros eram estudantes, pesquisadores e, principalmente, moradores da vila... e eu.

Quem era eu? Uma ilha, um barco... um torrão arrastado? Uma intrusa ou uma naufraga? Uma espiã?

Retornando à minha bagagem, refiz o percurso das minhas experiências como mediadora em espaços culturais. Havia desenvolvido uma expertise nas trocas com os meios e sabia que precisava aprender mais. E para tal, eu contaria com as palavras de Rubem Alves<sup>13</sup>:

Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória. Mas acho que ninguém vai se matricular. Escutar é complicado e sutil. Diz o Alberto Caeiro que “não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores. É preciso também não ter filosofia nenhuma.” Filosofia é um monte de idéias, dentro da cabeça, sobre como são as coisas. Aí a gente que não é cego abre os olhos. Diante de nós, fora da cabeça, nos campos e matas, estão as árvores e as flores. Ver é colocar dentro da cabeça aquilo que existe fora. O cego não vê porque as janelas dele estão fechadas. O que está fora não consegue entrar. A gente não é cego. As árvores e as flores entram. Mas – coitadinhas delas – entram e caem num mar de idéias. São misturadas nas palavras da filosofia que moram em nós. Perdem a sua simplicidade de existir. Ficam outras coisas. Então, o que vemos, não são as árvores e as flores. Para se ver é preciso que a cabeça esteja vazia. (ALVES, 1999)

13 Rubem Azevedo Alves foi um psicanalista, educador, teólogo, escritor e pastor presbiteriano brasileiro. Foi autor de livros religiosos, educacionais, existenciais e infantis.

Pela estrada de cerca de 13 km, na velocidade de todas as histórias que estavam ali, mais as vontades e curiosidades compartilhadas acerca do que era desconhecido, comecei a escutar as vozes que se apresentavam. Até porque, depois do ponto mais alto da estrada, chamado de “ O Britador ” pelos moradores, o sinal do celular acaba, as curvas ficam mais sinuosas, e assim, as trocas de energia tornaram-se ainda mais intensas.

Emoldurada por um corredor de palmeiras, a Vila Dois Rios se apresentou, impactante, com cantos de pássaros e gritos de bugios. Os raios solares atravessavam as árvores, o chão era coberto de sombras e de cacos de ladrilhos de um passado implodido<sup>14</sup>. Uma guarita na entrada, mais uma lista de nomes para a recepção, que diziam: \_ Pode entrar.

Imagem 4 – Entrada da Vila Dois Rios. Ao fundo, vigilante patrimonial com moradores, próximos ao PV1 ( Posto de Vigilância 1)



Fonte: Acervo pessoal

Depois do que me pareceu um “ túnel do tempo” e dos meus olhos se acostumerem com a luminosidade, o que vi foi uma paisagem parada no tempo, uma fotografia para a memória do que um dia foi: casas antigas, ruas de poeira, prédios decadentes... monumentos que contavam histórias daquilo que deixou de ser. Tudo isso cercado de mata exuberante, montanhas, sinais sonoros de rio, caminhos que apontavam

14 Parte dos resíduos da implosão do presídio (1994) foram espalhados ao longo da estrada que liga as vilas do Abraão e Dois Rios, com a função de criar mais aderência na estrada para o trânsito dos transportes oficiais.

para o mar e céu, muito céu!

Essa leitura foi a minha forma de chegar, naquele momento. Mas, em que espaço e, a partir de quais referências?

Hoje penso que tenha sido como me encontrar na construção do novo, entre-lugares, a partir da concepção de Bhabha<sup>15</sup> (2013, p. 20), como um “[...] terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade”.

Mas, que fique claro, para alcançar esta ideia, outros momentos e processos foram necessários, ainda em Bhabha, “[...] produzidos na articulação de diferenças culturais” (BHABHA, 2013, p.20).

Não tenho como descrever todas as minhas motivações na criação de ações em arte educação, neste contexto tão específico. Mas foi a partir de um lugar de observação e escuta, sendo eu uma visitante e a população da Vila Dois Rios minha mediadora cultural, conduzindo-me ao trânsito por um museu a céu aberto, entre paredes e grades que, por vezes, encarceraram narrativas, e antigas construções, incluindo as ideológicas, deterioradas pelo tempo.

Depois de circular e conhecer, fui eu que virei a “atração” : nominada, definida e classificada, nos termos próprios do lugar. Não era mais relevante visitar a comunidade do que a comunidade que me visitar. O que fiz foi abrir minhas portas e janelas, para meu trabalho começar a fluir. Passei horas e mais horas entre cafés, reclamações, exigências, indagações e confissões. Fluxos, trocas... era mesmo isso que eu fui fazer ali... pensei!

Criei o Cineclube Ilha Grande, inaugurado com o filme “Narradores de Javé”<sup>16</sup>! Daí para frente foi quando a comunidade me recebeu, discutindo acerca de patrimônio, material e imaterial, tudo dentro das nossas conversas... essenciais.

Histórias e outras formas de viver me foram apresentadas, através de diferentes interações. Simultaneamente, eu mesma, com minha bagagem e energia próprias, fui incorporada nessa estrutura.

Então, aqui, a física volta latente em minha percepção, através da termodinâmica<sup>17</sup>.

15 Homi K. Bhabha é um estudioso de inglês indiano e teórico crítico. Ele é o Professor de Literatura e Linguagem Inglesa e Americana de Anne F. Rothenberg e o Diretor do Centro de Humanidades Mahindra da Universidade de Harvard.

16 Narradores de Javé é um filme brasileiro em co-produção com a França de 2003, do gênero drama, dirigido por Eliane Caffé. Sinopse: Ao saber que Javé pode desaparecer sob as águas de uma hidrelétrica, os moradores do vilarejo decidem escrever sua história e transformar o local em patrimônio a ser preservado.

17 A termodinâmica é o ramo da física que se dedica ao estudo das relações entre o calor e as restantes formas de energia. Analisa, por conseguinte, os efeitos das mudanças de temperatura, pressão, densidade,

Em especial, na definição de “Q”, o Calor, que é um conceito fundamental para a compreensão das transferências de energia, que acontecem através da fronteira de um sistema, resultantes das diferenças de temperatura entre este e os seus arredores. O calor é, então, uma forma de se alterar a energia interna do sistema individual e também coletivo.

Seguindo ainda mais neste raciocínio, combinando os entre-lugares e a termodinâmica, as experiências narradas podem ser concluídas com o que a física chama de “processos irreversíveis”, considerando os espaços de trocas e a modificação de todas as partes envolvidas no sistema :

... muito comuns na natureza. Por exemplo, se colocarmos uma gota de tinta num recipiente com água, a gota dissolve-se de forma gradual. Inicialmente, a gota encontrava-se, num certo ponto, à superfície da água, mas passado algum tempo, a tinta fica espalhada. No início sabe-se onde está a tinta, mas no fim não há uma separação entre a água e a tinta, ou seja, a desordem do sistema é maior no fim do processo. O processo é irreversível, isto é, de forma espontânea não é possível observar o processo inverso, em que a tinta misturada com toda a água, voltaria a formar uma gota. ( Página da internet: e-scola )

Parto, então, destas reflexões e trocas, reafirmo meu intento de relacionar a própria Ilha Grande ao poder gerador de vida representado por PACHAMAMA, apresentando agora as personalidades que dão voz a esta história, elas que são mães, mas que também são filhas, que, assim como no útero estiveram cercadas de água, foram geradas e também geraram vidas nesta grande ilha mãe!

Marilda Aparecida Caiães:

massa e volume nos sistemas a nível macroscópico.

Imagem 5 – Marilda Caires, junto ao banner da exposição de seu artesanato nas dependências do Ecomuseu Ilha Grande



Fonte: Acervo pessoal

Marilda tem 72 anos (2020) e nasceu em Assis, interior do Estado de São Paulo.

No carnaval de 1989 foi visitar sua prima, Aparecida Nogueira, que era enfermeira no Presídio de Segurança Máxima Cândido Mendes, localizado na Vila Dois Rios. Assim que chegou lá, pela primeira vez, pensou: “Que lugar maravilhoso...que pedi para Deus para viver o resto da vida” e compartilhou esse sentimento com sua prima. Passado o carnaval, voltou para Assis.

Em Março, do mesmo ano, recebeu uma carta de sua prima perguntando se ela gostaria de ir morar com ela para ajudar com sua filha portadora de deficiência. Aparecida era viúva e tinha dificuldades em conciliar seu trabalho com os presidiários e os cuidados que as condições de sua filha exigiam.

Por sua vez, Marilda também era viúva e criava seus 3 filhos sozinha. Ao receber a carta percebeu que nada a impedia de mudar-se para Ilha Grande e de ter a chance de uma nova vida, em um lugar pelo qual já estava encantada. Sendo assim, em 17 de Abril de 1989, segundo suas palavras, “entrei em Dois Rios para nunca mais sair. Tava uma chuva... Daí pensei: é para criar raiz!”.

Apesar dos “percalços de ser mulher e viúva, com dois filhos”, com ela foram seus mais novos, Marcelo e Susilene, Marilda ainda vive em Vila Dois Rios e é avó de um rapaz chamado Hector. Hoje é reconhecida por seu artesanato, que ressignifica resíduos

sólidos. Suas produções são expostas e vendidas nas dependências do Ecomuseu Ilha Grande (UERJ), que também auxilia com suporte de espaço e materias, além de divulgação.

Teresa Cantuária da Silva

Imagem 6 - Dona Teresa e seu esposo, Getúlio Cantuária.



Fonte: Acervo pessoal

Dona Teresa tem 68 anos (2020) e nasceu no Sertão do Iguaçu, na Ilha Grande, uma localidade que já possuiu muitas construções, mas que agora só possui ruínas e uma mata exuberante que retomou seu território.

Viveu lá até seus 7 anos de idade, depois mudou-se com seus pais e irmãos para a Vila do Abraão, também na Ilha Grande.

Já adulta, conheceu Getúlio Cantuária da Silva, policial militar, baiano, que chegou na Ilha para trabalhar no Instituto Penal Cândido Mendes, por quem se apaixonou e se casou.

Permaneceu na Vila do Abraão, mas seu esposo passava muitos dias em Vila Dois Rios, o que a fez muda-se para lá para passar mais tempo com ele. Já faz cerca de 35 anos que vive por lá, onde criou seus 12 filhos e ganhou 15 netinhos, com mais dois por chegarem.

Hoje Dona Teresa trabalha como cozinheira no Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS) da UERJ que recebe estudantes, professores e pesquisadores do mundo todo.

## Celi Bulhões de Oliveira

Imagem 7 – Celi e suas netinhas



Fonte: Acervo pessoal

Celi tem 61 anos (2020) e nasceu em Belford Roxo, no Estado do Rio de Janeiro.

Casada com um policial militar que trabalhava no Instituto Penal Cândido Mendes, mudou-se para a Vila Dois Rios em 1987, com seus filhos Fábio, Flávio e Fabiano, que na ocasião tinham 3 anos, 7 anos e 9 anos de idade, respectivamente e, em suas palavras, “daqui não sai mais”.

Apesar de ter encontrado um lugar que considerava perfeito para criar seus filhos e ter uma vida feliz com sua família, tristes acontecimentos mudaram muito das expectativas que tinha, como a morte prematura de seu marido: “Três anos após, o meu marido faleceu. Eu cheguei em 87 ele morreu em 90. Em abril ... 20 de Abril de 1990 que ele morreu. Então daí eu tive que dar meu jeito, né...”

Depois de inúmeros trabalhos na própria Vila, como lavando e passando roupas dos demais moradores, nos últimos anos trabalhou como Segurança Patrimonial do CEADS (UERJ) e, recentemente, conseguiu sua aposentadoria.

Agora, Celi participa da formação de uma cooperativa de mulheres da comunidade para recepcionar turistas, além de aproveitar muito os momentos que tem com seus filhos e netinhos, cercada pela natureza que tanto ama.

Maria Tereza Lara dos Santos Silva



Imagem 8 – Tereza e seu esposo, próximos à sua barraca de bebidas na Praia de Dois Rios.



Fonte: Acervo pessoal

Tereza tem 61 anos (2020) e nasceu em Campo Grande, no Estado do Rio de Janeiro.

Conheceu seu marido no dia em que completou seus 15 anos o que, como ela gosta de dizer, “foi um presente”. Ele foi mecânico da instinta Superintendência de Transportes Oficiais (STO) e um de seus superiores o convidou para trabalhar na manutenção dos transportes oficiais do Instituto Penal Cândido Mendes. Na Vila Dois Rios, em 1983.

Por anos, a Tereza viveu distante de seu esposo que tinha de permanecer no trabalho por conta das demandas profissionais. Com o nascimento das suas filhas, Queila e Kely, as dificuldades com a distância, inclusive para contatos telefônicos, ficaram ainda mais acentuadas.

No final de 1988 decidiu conhecer a Vila e pensar na possibilidade de mudar-se com suas filhas. Retornou em Janeiro de 1989 e, finalmente, mudou-se, em definitivo, em Março.

Atualmente, Tereza e seu marido fazem comida para atender os turistas e vendem bebidas geladas na praia. Ela também desenvolve um projeto comunitário com outras mulheres da comunidade. Tem um sorriso largo e energia de sobra para brincar com seus 4 netinhos que lhes dão muitas razões para ser feliz.

## Sabrina Soares Rosas

Imagem 9 – Sabrina com integrantes da comunidade da Vila Dois Rios, realizando uma Contação de Histórias, seguida por oficina baseada em memórias sensoriais, no Centro de Convivências da Vila.



Fonte: Acervo pessoal

Essa sou eu. Tenho 43 anos (2020) e nasci em São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro.

Cheguei em Dois Rios, pela primeira vez, em Setembro de 2009, convidada pelo Ecomuseu Ilha Grande como Contadora de Histórias, para o evento do MINC<sup>18</sup> “Primavera de Museus”. Na ocasião eu já havia sido convidada para trabalhar e morar em Dois Rios, a fim de exercer o cargo de Arte Educadora na Instituição. A experiência serviu para que eu entendesse a realidade local e o quanto e decisão poderia transformar minha rotina.

Assim como as demais personalidades aqui apresentadas, me apaixonei pelo lugar.

Foi em um banho de rio, no encontro com o mar, que fiz minha primeira reverência à Ilha Grande, enquanto representação de Pachamama. Agradei a oportunidade e a responsabilidade do trabalho que me foi oferecido! Me comprometi, a partir daquele momento, que sempre estaria ali, por Ela.

Fiquei por 2 anos e vivi experiências muito intensas, tanto no aspecto profissional, quando pessoal. Em especial pela tênue fronteira entre meu objeto de trabalho e a família que construí, inclusive, mantendo uma união amorosa com um dos moradores.

<sup>18</sup> Ministério da Cultura.

Apesar de ter seguido outros caminhos, a partir de 2012, mantive afetos e contato permanentes com os amigos que fiz para a vida.

Em 2015, voltei a morar na Ilha Grande, desta vez morando na Vila do Abraão, por conta de outro trabalho, o Projeto Garoupa<sup>19</sup>, que trazia a Arte Educação como recurso para Educação Ambiental.

Voltar a Dois Rios foi como me reconectar com essa potência, que ao mesmo tempo que te acolhe, te cobra transformações. Reafirmei meu pacto e daí nasceu a ideia de fazer uma pós-graduação para falar dessas experiências e, um tanto também, para trazer uma reflexão mais profunda, com os recursos da Academia, sobre as particularidades deste território.

Em 2018 ingressei no PPCULT<sup>20</sup> com o projeto “Mulheres da Vila Dois Rios: Fluxos e Fronteiras das Práticas Femininas”.

Hoje estou aqui.

#### 1.4 Bruxas e Santas: o Conhecimento Feminino entre o público e o privado

Durante anos, séculos, as mulheres estiveram excluídas da possibilidade de fazer ciência e de contribuir para a produção de conhecimento científico e/ou filosófico. As religiões, e depois as próprias organizações científicas, se incumbiram dessa opressão.<sup>21</sup>

Como Arte Educadora do Ecomuseu Ilha Grande, também fui responsável, entre outras coisas, por receber equipes de pesquisa, tanto para produções acadêmicas, quanto para produções em audiovisual, acolhendo seus interesses específicos acerca das histórias e biodiversidade da região, mediando os contatos com os moradores a quem pretendiam entrevistar.

Desde programas de TV, ligados às questões ambientais, como o **Expedições**<sup>22</sup>, à pesquisas relacionadas às histórias dos presídios, nunca me solicitaram mediar contatos

19 Projeto socioambiental patrocinado pela Petrobrás.

20 Programa de pós-graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense.

21 MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. Universidade Federal de Minas Gerais, 2008, p. 335

22 O programa mostra o Brasil e suas milhares de faces por meio das populações, costumes, cultura, meio ambiente, história e antropologia do país. As lentes do Expedições percorrem todo o território nacional e enfocam a realidade com profundidade. Através de depoimentos de especialistas, opinião das comunidades e de imagens captadas nas mais distantes regiões do país, o programa dá voz à pluralidade e abriga o debate, sem abrir mão da aventura. Sua missão é dar ao grande público uma macrovisão do país e de sua gente através de um olhar consciente e apaixonado por nossa terra e nossa gente.

para entrevistar as mulheres da Vila. Sempre me pediram contato com homens que, ou trabalhavam nas trilhas das matas para o trânsito de pesquisadores e estudantes, ou por homens que haviam feito parte das instituições carcerárias, como agentes e/ou presos.

Possivelmente, essa tenha sido a minha primeira motivação para realização deste projeto de pesquisa: o questionamento sobre o porquê da falta de procura pela sabedoria e experiência do feminino.

Em muitos aspectos do que pode ser a representação do patriarcado e seus poderes opressivos, em tempos distintos, temos sempre a figura do Homem nas posições de Poder e/ou como detentores da cultura, enquanto as Mulheres acolhem os seus interesses, como base para suas realizações, assim como a Natureza: Nunca como protagonistas, sempre subalternizadas.

Curioso e triste perceber que, ainda que essa distinção entre cultura e natureza se desse mais grosseiramente na época do presídio, as associações homem/cultura x mulher/natureza, ou homem/público x mulher/privado, ficavam ainda mais evidentes quando observadas pelo ponto de vista da produção científica, visto que a Vila Dois Rios, no final da década de 1990 passa a ser administrada pela UERJ.

Sem querer atropelar a narrativa histórica dos diferentes momentos em que intuições públicas estiveram à frente do que se dava nesta localidade, ou mesmo explicitar o momento em que a população esteve à sua própria mercê, todos estes tempos melhores apresentados no próximo capítulo, aqui já apresento minhas protagonistas em seus espaços de coexistência, ora como Santas, ora como Bruxas.

Santas, sim, quando esposas e mães, administradoras dos seus lares, dentro de seus afazeres domésticos, como limpar a casa, fazer comida e cuidar dos filhos que também geraram em seus ventres. Mas também Bruxas, quando por infelicidade ficaram viúvas e precisavam sair de seus lares para trabalhar cuidando de outros lares, ganhar dinheiro para criar seus filhos sem pais vivos, lavando roupa de outros maridos e filhos, costurando farda de oficiais solteiros já cobiçados pelas filhas das Santas. Todas, Santas e Bruxas, prisioneiras dos cárceres que elas próprias deveriam manter para que os homens realizassem em liberdade.

Marilda Caires, por exemplo, que chegou para visitar a prima enfeimeira do presídio, viúva e com 3 filhos, foi convidada a morar na Vila para ajudar a prima que tinha uma filha com necessidades especiais. Mudou-se com dois filhos e, além de trabalhar cuidando da sobrinha/prima, fazia outros “bicos” para complementar sua renda, lavando, passando e concertando roupas dos oficiais, casados ou não. Em pouco tempo já pôde

perceber a hostilidade das mulheres aqui representadas como Santas, pois ela podia adentrar outras casas sem ser repreendida por um marido, ganhava seu próprio dinheiro, sem depender de um marido e era assediada por homens casados e solteiros, por não ter um marido. Ao mesmo tempo que tinha livre trânsito, e, por isso mesmo, podia conversar com diferentes pessoas, ouvir histórias restritas ao universo dominado por homens, com liberdade não permitida às esposas e filhas, era Bruxa!

Celi chegou na Vila casada e com 3 filhos: Santa! Aconteceu de ficar viúva depois de 3 anos vivendo ali. A pensão de seu esposo falecido não era suficiente para manter a família, além de ter perdido a casa que somente era destinada para os homens que lá trabalhavam. Teve seus pertences jogados na rua, mas como uma boa mãe e com a força que só as Bruxas podem explicar, lutou por novas formas de sobrevivência, também faxinando as casas cujas Santas jamais ousariam adentrar.

Santas e Bruxas tinham seus destinos separados por convenções do patriarcado, que as delimitavam e nominavam em função de serem ou não propriedades dos homens, assim como um território que tem escritura lavrada em cartório, ou aquele terreno que está livre para uma apropriação por usucapião.

Durante as horas de entrevistas feitas com essas personalidades obtive relatos muito significativos destas duas mulheres que, em determinado momento, ainda no período do presídio, foram destinadas a viver na mesma casa, com seus filhos. Ambas relatam que tiveram ajuda das demais mulheres da Vila, no cuidado com seus filhos e, também, com alimentos quando estes eram escassos. Porém, também relatam que por serem viúvas e prestarem serviços domésticos para os homens da comunidade, ainda os recebendo em sua casa para, por exemplo, medir tamanho de farda para costurar e remendar, seu lar era difamado e hostilizado com a insígnia de “ Casa da Luz Vermelha”.

O que os Homens livres e “proprietários” das Mulheres não sabiam, neste período do presídio, é que quando saíam para trabalho de campanha, na caça de fugitivos, Santas e Bruxas se reuniam na praia com seus filhos, ou se encontravam para jogos de baralho ou dominó, e lá desenrolavam seus fios e tramas de histórias, segredos compartilhados e proibidos, receitas e métodos de seus próprios domínios. Todo tipo de informação pontual era cruzada em seus teares e redes de conhecimentos eram estendidas como camuflagem às restrições que eram a elas impostas.

Também, agora, não adentro profundamente nas questões temporais/intitucionais, mas já apresento as demandas de manter toda uma comunidade unida, segura e sobrevivendo à falta de estrutura governamental pós-presídio e pré-UERJ. Quando o

presídio é desativado e toda sua estrutura deslocada para o continente, as pessoas da Vila Dois Rios ficam desorientadas e sem nenhuma perspectiva. Sua sobrevivência depende de unidade social e da cooperação de todos. Neste momento, as mulheres são autorizadas a assumir lugares antes masculinos, quando estas saem da Vila para adquirir suprimentos. Elas montam guarda para evitar invasões de grileiros, ou de grupos estratégicos em busca do armamento ainda estocado no prédio da PM: Armadas de cacetetes, porretes e empoderadas.

Após a licitação concedida à UERJ para administrar a Vila Dois Rios por 50 anos, muito em função de ser a Universidade que considerou a permanência da comunidade entre outras instituições de educação, novas áreas de trabalho surgem para seus moradores. Os cargos essenciais para a sua chegada segura eram as para manter seus profissionais em campo, ou seja, quem conhecesse as matas e trilhas, alimentação e moradia. Os homens ocuparam os seus espaços de antes e as mulheres assumiram os trabalhos sempre destinados às mulheres: cozinhar, lavar, passar e limpar a sujeira.

Aos poucos, os prédios que antes abrigavam estruturas de manutenção carcerária passaram por obras de adaptação para instalação de instituição científica: Alojamento da PM, por exemplo, transformou-se em alojamento de cientistas e estudantes; Depósito de armas em laboratório; Sala de rádio e administração em escritórios da sub-reitoria...

Porém, para manter a nova estrutura, foram mantidas as mesmas funções entre público e privado: Homens da comunidade foram empregados para função de segurança patrimonial, apresentação da biodiversidade e acessos aos biomas..., e mulheres restritas à tanque de roupa, pia, fogão e esfregão. E ainda pior, os cargos ocupados pelas mulheres, para instalação e manutenção da nova instituição no território, eram contratados a partir de acordos com seus maridos e/ou pais, ou com as que não tinham maridos, mas todos feitos, como dizem, na “palavra”, sem nenhum vínculo formal.

Bruzas, mães sem maridos, Celi e Marilda foram as primeiras a assumirem postos de trabalho não regulamentados. Segundo relatos delas, a Celi, por exemplo, trabalhava de segunda à segunda, cozinhando para a “piãozada”, que eram os pedreiros e assistentes que vinham do continente para as obras nos prédios institucionais.

Dona Teresa Cantuária e seu esposo forneciam a comida dos diretores e professores da universidade que já chegavam para mapeamento de campo. Depois que o CEADS ( antigo prédio da PM) fica pronto, Dona Teresa é autorizada por seu esposo a se tornar a cozinheira dos estudantes e pesquisadores que começavam a chegar para seus trabalhos de campo, mas seu marido negocia com a universidade sobre seus horários,

criando uma rotina de trabalho mais adequada para uma mãe de família, nos moldes aceitáveis para uma Santa.

Silvia Federici nos traz uma reflexão, embora ainda pautada na justa contraposição dos escritos a partir da experiência do Homem:

Porém, minha análise se afasta da de Marx por duas vias distintas. Enquanto Marx examina a acumulação primitiva do ponto de vista do proletariado assalariado de sexo masculino e do desenvolvimento da produção de mercadorias, eu a examino do ponto de vista das mudanças que introduz na posição social das mulheres na produção da força de trabalho. Daí que a minha descrição da acumulação primitiva inclui uma série de fenômenos que estão ausentes em Marx e que, no entanto, são extremamente importantes para a acumulação capitalista. Entre esses fenômenos estão: i) o desenvolvimento de uma nova divisão sexual do trabalho; ii) a construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e em sua subordinação aos homens; iii) a mecanização do corpo proletário e sua transformação, no caso das mulheres, em uma máquina de produção de novos trabalhadores. E, o que é mais importante, coloquei no centro da análise da acumulação primitiva a caça às bruxas dos séculos XVI e XVII; sustento aqui que a perseguição às bruxas, tanto na Europa quanto no Novo Mundo, foi tão importante para o desenvolvimento do capitalismo quanto a colonização e a expropriação do campesinato europeu de suas terras.  
(FEDERICI, 2004:16)

A UERJ se instala em definitivo, contrata um Administrador para a Vila, que responde à um Diretor de um departamento, que por sua vez responde à uma Sub-reitoria. Chega, então, o momento em que precisa cumprir com as metas descritas em seu projeto aprovado na concessão do território: Contratos com empresas terceirizadas nas áreas de vigilância, manutenção e limpeza são assinados, assim como também são feitos contratos administrativos para o pessoal nas demais áreas.

Aconteceu que os cargos ocupados pela população da Vila/Ilha foram, na sua maioria, preenchidos através de vínculos com empresas terceirizadas. No caso de cargos de maior responsabilidade e liderança, foram ocupados por profissionais de fora, a partir de contratos administrativos.

Importante esclarecer aqui que quando a comunidade entendeu que uma Universidade assumiria a administração da Vila, muitas expectativas foram criadas, em especial para essas mães que gostariam de manter seus filhos por perto, apesar de desejarem que estes tivessem mais chance de crescimento intelectual e profissional, o que só era possível se fossem embora de lá. Mas suas expectativas quanto a isso perduraram por pouco tempo. As áreas de trabalho oferecidas à comunidade não possibilitavam nenhum tipo de evolução, apenas de acomodação.

Apesar disso, algumas mulheres almejavam cargos com melhor remuneração,

principalmente para poder enviar seus filhos para o continente e mantê-los estudando. Foi o caso da Celi, que, junto com outras mulheres da Vila, perceberam que vigilantes ganhavam melhor e que também tinham um horário mais flexível de trabalho. A empresa terceirizada contratava mulheres, desde que tivessem o documento específico para a função. Sendo assim, as mulheres fizeram os cursos necessários para adquirir o documento e passaram a assumir cargos de vigilantes patrimoniais na Vila.

Neste contexto, trago uma outra pensadora de gênero para a reflexão:

Vamos dizer que podemos pensar numa epistemologia feminista, para além do marxismo e da fenomenologia, como uma forma específica de produção do conhecimento que traz a marca especificamente feminina, tendencialmente libertária, emancipadora. Há uma construção cultural da identidade feminina, da subjetividade feminina, da cultura feminina, que está evidenciada no momento em que as mulheres entram em massa no mercado, em que ocupam profissões masculinas e em que a cultura e a linguagem se feminizam. As mulheres entram no espaço público e nos espaços do saber transformando inevitavelmente estes campos, recolocando as questões, questionando, colocando novas questões, transformando radicalmente. Sem dúvida alguma, há um aporte feminino/ista específico, diferenciador, energizante, libertário, que rompe com um enquadramento conceitual normativo. Talvez daí mesmo a dificuldade de nomear o campo da epistemologia feminista.  
(RAGO, 1998: 36)

Ou seja, pensar e redefinir a ação, promover soluções na construção de alternativas, escapadas às limitações impostas pelos planos do modelo patriarcal. A elaboração de um conhecimento distinto e potente, capaz de reverter condições hegemônicas que oprimem, mas em contraponto, impulsionam. E ainda:

Para ela, o pensamento feminista trouxe a subjetividade como forma de conhecimento. “We all see feelingly”, afirma, o que se opõe radicalmente ao ideal de conhecimento objetivo trazido das Ciências Naturais para as Ciências Humanas. Entrando num mundo masculino, possuído por outros, a mulher percebe que não detém a linguagem e luta por criar uma, ou ampliar a existente: aqui se encontra a principal fonte do aporte feminista à produção do conhecimento, à construção de novos significados na interpretação do mundo.  
(RAGO, 1998: 37)

Neste mesmo período, houve um impasse na Universidade acerca de uma das metas explicitadas no termo de concessão, especificamente sobre a restauração e transformação dos antigos prédios, antes com funções prisionais, em espaços culturais, como museus. Há uma cisão administrativa, elegendo outra Sub-reitoria para cuidar deste tema. Justamente neste momento eu fui contratada como Arte Educadora do Ecomuseu Ilha Grande, tendo apenas mais uma funcionária, moradora da Vila, como



repcionista.

Sendo assim, mais uma estrutura institucional chega, trazendo uma nova demanda conceitual que, dentro deste território já complexo, cria novos fluxos e impõe novas fronteiras: Primeiro para a própria comunidade, que me recebe neste momento como uma espécie de “intrusa”, mas também para a Sub-reitoria da UERJ responsável pela administração da Vila que teria de dispor do seu território para novos métodos e ações profissionais.

Inevitavelmente, me incluo nesta falta de espaço à fala e elaboração científica dos saberes do feminino, em especial por ter sido, simultaneamente, funcionária da instituição UERJ e moradora da Vila Dois Rios: No nível institucional, ao mesmo tempo que fui contratada para realizar um trabalho em Arte Educação para um Ecomuseu ( conceito que necessita da ação direta dos moradores como agentes culturais para justificar-se), em muitos momentos fui questionada em meus métodos de escuta para elaboração de ações, sendo cobrada por resultados que nunca foram efetivados antes de mim, apenas comigo. Ou seja, a instituição desmerecia minha experiência e competência na construção daquilo que me elegeram para realizar, exigindo resultados incoerentes aos termos objetivos do trabalho em si. Além disso, quando quis ingressar no mestrado da própria instituição, fui reprimida veementemente, com a justificativa de que não deveria nunca sair da Vila, e ainda me foi sugerido casar e ter muitos filhos por lá (sim, eu ouvi isso do meu chefe); Na Vila Dois Rios também era considerada uma espiã da UERJ, sofria assédio dos homens que queriam demonstrar seu poder, já que eu era uma mulher solteira e responsável por toda uma sub-reitoria da instituição que substituiu o presídio, sem nenhuma outra presença do Departamento Cultural morando ou mantendo regular visita à Vila Dois Rios; Ainda o conflito da híbrida que me tornei, estive na linha de frente na disputa entre as sub-reitorias presentes na Vila, que competiam por verbas para realizar projetos distintos ( Científicos e Culturais) , por vezes sendo exposta na comunidade à trabalhos que não eram de minha responsabilidade, como controle de material, contratação de pessoal e fiscalização das demandas estruturais ( algumas vezes os materiais de obras de restauração eram roubados por moradores da comunidade).

## Capítulo II – ILHA DOS HOMENS

### 2.1 Do Depósito ao Museu : Objetos, Ações e Espaço geográfico

Imagem 10 - Vila Dois Rios do ponto de vista da entrada do Museu do Cárcere ( antigas instalações carcerárias). Ao fundo, do lado esquerdo, vê-se as ruínas do prédio que serviu de depósito para a fazenda de café, onde hoje se estabeleceu o Museu do Meio Ambiente. O prédio verde, também à esquerda, é a Igreja da Assembléia de Deus, reformada pelos próprios moradores, onde antes era feita a manutenção dos veículos do presídio. Entre estes dois prédios fica a cantina, existente desde a época do Instituto Penal. O oratório, no centro da imagem, abriga uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, recepcionando visitantes, assim como os presos em tempos passados.



Fonte: Acervo pessoal

Localizada na Ilha Grande, Angra dos Reis - RJ, a Vila Dois Rios fica voltada para o altomar, em oposição à Vila do Abraão, que está voltada para o continente. De difícil acesso pelo mar, por conta das fortes correntezas, seu trajeto por terra se dá desde a Vila do Abraão, por uma estrada de cerca de 13 km que atravessa a Ilha.

Inúmeros desafios se apresentaram, tanto pelo isolamento, quanto pelo que representava ser uma mulher jovem e solteira em “terra desconhecida”, responsável por envolver a comunidade local, baseada em conceito museológico, no sentido de que essa população se integrasse à instituição como atores culturais, além de também receber turistas, jornalistas e estudantes para diferentes atividades.

Minhas primeiras ações foram estudar a história da região e ouvir, uma a uma, as narrativas e memórias de seus moradores. Dessa forma pude coletar informações que foram fundamentais para a execução do meu trabalho, me envolvendo profundamente pela grandiosidade e peculiaridades daquele espaço.

Agora, pretendo refazer essa trajetória, numa abordagem histórica, mas com outros pontos de partida, apoiada por teóricos que desenvolveram estudos sobre o espaço e o tempo geográficos:

É indispensável encontrar outros pontos de partida. Considerar o espaço como esse conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, assim como estamos propondo, permite, a um só tempo, trabalhar o resultado conjunto dessa interação, como processo e como resultado, mas a partir de categorias susceptíveis de um tratamento analítico que, através de suas características próprias, dê conta da multiplicidade e da diversidade de situações e de processos. (SANTOS, 2006, p. 40)

Para tal, utilizarei conceitos desenvolvidos por Milton Santos, numa perspectiva de que “o enfoque do espaço geográfico, como o resultado da conjugação entre sistemas de objetos e sistemas de ações, permite transitar do passado ao futuro, mediante a consideração do presente.” (SANTOS, 2006 :57)

Um dos conceitos com o qual pretendo dialogar é o de “objeto” e na sua relação com o espaço que, ainda em Milton Santos (2006:24), “é formado de objetos; mas não são os objetos que determinam os objetos. É o espaço que determina os objetos: o espaço visto como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados (acionados) segundo uma lógica”. E essa lógica é determinada pela realização de ações que compõem a própria história.

Me proponho a recontar essa experiência com o território, que se inicia na própria história da Vila Dois Rios, mas agora revalorizando as ações humanas nos contextos de suas relações com o espaço, a partir da utilização e da criação de objetos, e dos seus ressignificados entre as camadas de tempo.

O registro humano nesta localidade remonta à pré-história, sendo comprovada pela existência de amoladores-polidores fixos (datando cerca de quatro mil anos), que são “conjuntos de rochas que apresentam sulcos resultantes da atividade de elaborar objetos polidos. No caso da Ilha Grande, eram lâminas de machado feitas a partir de seixos encontrados dentro dos riachos que desembocavam nas praias.”(TENÓRIO, 2006:23) Porém, não se tem confirmação de que esses produtores de machados ali habitassem, apenas uma teoria de que usavam o lugar para sua produção e que depois se dirigiam para outra região.

Com relação às populações indígenas, historiadores como Mello (1987), Capaz (1988 e 1996) e Nesi (1990) afirmam que na ilha haviam grupos indígenas, mas não há um acordo sobre qual tribo. Sabe-se, contudo, que a região de Angra dos Reis era

habitada pelos Tupinambás, inclusive através de relatos de Hans Staden<sup>23</sup>, que passou grande tempo com eles, mas não cita a existência deste grupo, especificamente, na Ilha Grande. Outro ponto curioso é que, aparentemente, os colonizadores evitavam o confronto com os Tupinambás, declaradamente seus inimigos, se refugiando nas Ilhas (ANCHIETA, 1933). De uma forma geral, os estudos apontam para a não existência de povoamento significativo e sistemático na Ilha Grande no século XVI.

No começo da história do homem, a configuração territorial é simplesmente o conjunto dos complexos naturais. À medida que a história vai fazendo-se, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens: estradas, plantações, casas, depósitos, portos, fábricas, cidades etc; verdadeiras próteses. Cria-se uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada.

Nossa proposta atual de definição da geografia considera que a essa disciplina cabe estudar o conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ação que formam o espaço. Não se trata de sistemas de objetos, nem de sistemas de ações tomados separadamente.

( SANTOS,2006, p. 39)

O processo de colonização da Ilha Grande é descrito a partir da doação de suas terras por Dom João III, como integrante da capitania de São Vicente. Mais à frente, em 1573, nova carta de doação beneficiando Manoel Fonseca. Depois foram entregues a Manoel Antunes, em 1586, dando início ao processo de povoação (LIMA, 1974), em grande parte por pessoas provenientes do arquipélago açoriano (BRASIL DOS REIS, 1940) Porém, esses números não são significativos, de acordo com relatos de piratas e corsários que ali atracavam em busca de refúgio, água e alimento (CONY & LEE, 2005).

Apenas a partir do século XVIII os relatos apresentam uma ocupação populacional considerável na Ilha Grande, muito em função da preocupação em povoar a Ilha por conta de interesses de defesa das terras, como também da questão econômica, já que Portugal buscava novas fontes de riqueza, tendo assim prosperado com o cultivo da cana e com a produção de açúcar e aguardente, utilizando de mão de obra escrava (MELLO, 1987), além de que em todo o Período Colonial, a Ilha Grande foi visitada por frotas de diferentes colônias, por naturalistas, navios de guerra precisando de reparos, navios negreiros, de piratas e de corsários atrás das riquezas destinadas a Portugal.

Aqui, uma pausa na narrativa histórica para chamar atenção às diferentes transformações que ocorrem em um espaço, seja em função de eventos naturais, ou a

23 Hans Staden foi um aventureiro mercenário alemão do século XVI. Por duas vezes, Staden esteve no Brasil, onde participou de combates nas capitanias de Pernambuco e de São Vicente contra navegadores franceses e seus aliados indígenas e onde passou nove meses escravo dos índios tupinambás.

partir das ações humanas:

Uma primeira distinção a estabelecer separaria os eventos naturais (a queda de um raio, o começo de uma chuva, um terremoto) dos eventos sociais ou históricos (a chegada de um trem, um comício, um acidente de automóvel). Os primeiros resultam do próprio movimento da natureza, isto é, da manifestação diversificada da energia natural. É assim que a natureza muda pela sua própria dinâmica. Já os eventos sociais resultam da ação humana, da interação entre os homens, dos seus efeitos sobre os dados naturais. Aqui, é o movimento da sociedade que comanda, através do uso diversificado do trabalho e da informação.  
(SANTOS, 2006, p. 95)

Durante o Império, alguns eventos são determinantes para o futuro da Ilha Grande: O cultivo do café que se expandiu após a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro, em 1808; a proibição da Inglaterra do tráfico de escravos em 1830 e o contrabando posterior que utilizou a Ilha como ponto estratégico; as viagens de D. Pedro II que culminaram na aquisição da Fazenda do Holandês, no Abraão; a construção do Lazareto na antiga Fazenda do Holandês, para controle de enfermidades infecciosas vindas nos navios para o Brasil; a utilização de Dois Rios para o fornecimento de víveres ao Lazareto, com a criação de gado e o abastecimento de água através da construção do Aqueduto.

Neste mesmo período foi construído o prédio mais antigo de que temos a presença e o acesso, nos dias atuais, em Vila Dois Rios: o prédio onde funcionava um depósito da Fazenda Dois Rios, que utilizava mão de obra escrava na produção de café. E é justamente este prédio que abordarei enquanto objeto, em sua funcionalidade, inserção no espaço e, em seus múltiplos usos e significados:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Através da presença desses objetos técnicos: hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico.  
(SANTOS, 2006, p. 39)

Em 1894 a Vila Dois Rios abriga sua primeira instituição carcerária. A Colônia Correccional, que segundo estudos realizados pela Myrian Sepulvida dos Santos (2004), teria como objetivo recolher homens, mulheres e crianças. Indivíduos de qualquer idade que fossem processados e presos como “vadios, vagabundos e capoeiras”.

Apesar de ser sugerido um tratamento diferenciado para homens, mulheres e crianças, isso não aconteceu. Não haviam instalações adequadas e boa parte deles ficavam juntos nas dependências do antigo depósito da Fazenda Dois Rios que, neste momento, foi institucionalizada. Também não havia treinamento especializado, os castigos eram desumanos e os presos eram esquecidos.

Todo e qualquer período histórico se afirma com um elenco correspondente de técnicas que o caracterizam e com uma família correspondente de objetos. Ao longo do tempo, um novo sistema de objetos responde ao surgimento de cada novo sistema de técnicas. Em cada período, há, também, um novo arranjo de objetos. Em realidade, não há apenas novos objetos, novos padrões, mas, igualmente, novas formas de ação. Como um lugar se define como um ponto onde se reúnem feixes de relações, o novo padrão espacial pode dar-se sem que as coisas sejam outras ou mudem de lugar. É que cada padrão espacial não é apenas morfológico, mas, também, funcional. Em outras palavras, quando há mudança morfológica, junto aos novos objetos, criados para atender a novas funções, velhos objetos permanecem e mudam de função [...] ler os objetos equivale a reincluí-los no conjunto das condições relacionais. Essas condições relacionais incluem o espaço e se dão por intermédio do espaço. Nesse sentido é o espaço considerado em seu conjunto que redefine os objetos que o formam. Por isso, o objeto geográfico está sempre mudando de significação.  
(SANTOS, 2006, p. 62)

Curioso perceber que nesta época há o “Bota-abaixo”<sup>24</sup> do Prefeito Pereira Passos, sugerindo que esses indivíduos encarcerados estivessem relacionados à algum tipo de “limpeza étnica” da cidade do Rio de Janeiro, ainda capital do Brasil.

Em meados da década de 30, na Era Vargas<sup>25</sup>, as instalações carcerárias da Vila Dois Rios passaram a receber presos políticos acusados de pertencerem ao Partido Comunista. Entre estes, Graciliano Ramos<sup>26</sup>, que escreveu seu célebre livro “ Memórias do Cárcere” em razão desta experiência.

Na década de 40, com mudanças do Código Penal, surge a Colônia Agrícola do Distrito Federal, ainda em Dois Rios. Apesar desta mudança e de investimentos em novas instalações, as práticas existentes continuam de extrema violência. O prédio do antigo depósito da fazenda de café vai sendo desativado, e um novo complexo carcerário construído.

Os lugares, já vimos, redefinem as técnicas. Cada objeto ou ação que se instala se insere num tecido preexistente e seu valor real é encontrado no

24 Era assim que o povo chamava quando queria se referir a reforma urbana acontecida na gestão do prefeito Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX

25 Era Vargas é o período da história do Brasil entre 1930 e 1945, quando Getúlio Vargas governou o Brasil por 15 anos e de forma contínua. Compreende a Segunda República e a Terceira República.

26 Graciliano Ramos de Oliveira foi um romancista, cronista, contista, jornalista, político e memorialista brasileiro do século XX, mais conhecido por sua obra Vidas Secas.

funcionamento concreto do conjunto. Sua presença também modifica os valores preexistentes. Os respectivos "tempos" das técnicas "industriais" e sociais presentes se cruzam, se intrometem e acomodam. Mais uma vez, todos os objetos e ações vêm modificada sua significação absoluta (ou tendencial) e ganham uma significação relativa, provisoriamente verdadeira, diferente daquela do momento anterior e impossível em outro lugar. É dessa maneira que se constitui uma espécie de tempo do lugar, esse tempo espacial que é o outro do espaço. (SANTOS, 2006, p. 37)

Na década de 60, a capital do país é transferida para Brasília e o controle dos presídios para o Estado da Guanabara, que depois da fusão torna-se o Estado do Rio de Janeiro. Surge em Dois Rios, então, o Instituto Penal Cândido Mendes, presídio de segurança máxima, para onde são destinados os presos mais perigosos do país.

Além dos presos comuns, assaltantes de banco e traficantes, como Madame Satã<sup>27</sup> e Escadinha<sup>28</sup>, também eram enviados para lá os presos políticos do período da Ditadura Militar, como Nelson Rodrigues Filho<sup>29</sup> e Fernando Gabeira<sup>30</sup>. Assim, a partir deste convívio, nas dependências do Instituto Penal, nas suas trocas de experiências, surge uma das mais conhecidas facções criminosas do Brasil: O Comando Vermelho<sup>31</sup>.

Neste ponto, aproveito para esclarecer acerca de outro conceito desenvolvido pela geografia, o "evento":

Um evento é o resultado de um feixe de vetores, conduzido por um processo, levando uma nova função ao meio preexistente. Mas o evento só é identificável quando ele é percebido, isto é, quando se perfaz e se completa. E o evento somente se completa quando integrado no meio. Somente aí há o evento, não antes [...] A ação não se dá sem que haja um objeto; e, quando exercida, acaba por se redefinir como ação e por redefinir o objeto. Por isso os eventos estão no próprio coração da interpretação geográfica dos fenômenos sociais. (SANTOS, 2006, p. 61)

27 João Francisco dos Santos, mais conhecido como Madame Satã, foi uma drag queen brasileira, vista como personagem emblemática da vida noturna e marginal carioca na primeira metade do século XX

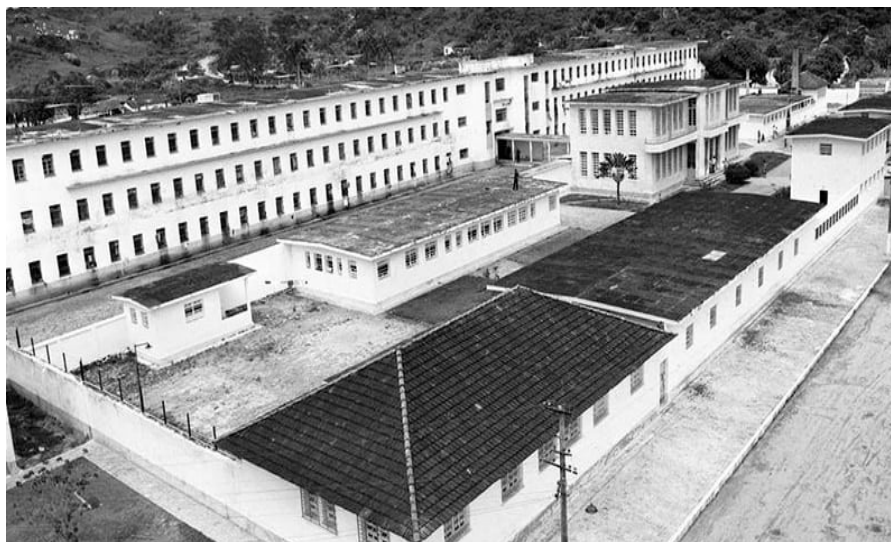
28 José Carlos dos Reis Encina, vulgo "Escadinha", foi um traficante de drogas brasileiro.

29 Diretor de teatro, produtor e roteirista brasileiro, filho do dramaturgo Nelson Rodrigues.

30 Fernando Paulo Nagle Gabeira, conhecido também como Fernando Gabeira ou mesmo Gabeira, é um jornalista, escritor e político brasileiro

31 Comando Vermelho Rogério Lemgruber, mais conhecido como Comando Vermelho e pelas siglas CV e CVRL, é uma das maiores organizações criminosas do Brasil. Foi criada em 1979 no Instituto Penal Cândido Mendes, na Ilha Grande, Angra dos Reis, Rio de Janeiro

Imagem 11 - Instituto Penal Cândido Mendes



Fonte: <https://www.seropedicaonline.com/ultimas-noticias/historia-da-antiga-colonia-penal-candido-mendes-na-ilha-grande-rj-fotos-video/>

Imagem 12 – Imploração do Instituto Penal Cândido Mendes



Fonte: <https://ilhagranderj.wordpress.com/tag/presidio/>

O que se pode afirmar destes 100 anos de instituições carcerárias é que todo período é pautado por extrema violência, até o seu fim, em 1994, tendo suas edificações implodidas e os presos transferidos para o continente.

Em avaliação distinta ao senso comum, segundo me foi relatado por seus próprios moradores, a Vila Dois Rios era um lugar ótimo de se morar na época do presídio, apesar das recorrentes fugas: havia manutenção dos espaços da vila, incluindo a limpeza das casas dos funcionários, feita com a mão de obra de presos; toda assistência era prestada



à comunidade, como escola para as crianças, saúde e transporte, para as famílias dos funcionários do presídio; a comunidade não encarcerada convivia intensamente com os presos; os condenados trabalhavam na pesca e na manutenção de equipamentos; a estrutura do presídio também fornecia pão fresco para a comunidade, que as crianças buscavam toda manhã; no prédio conhecido como Centro de Convivência, ou Cassino, aconteciam festas, periodicamente, com presos tocando instrumentos e cantando, que reunia toda comunidade.

É o lugar que atribui às técnicas o princípio de realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica. E, num determinado lugar, não há técnicas isoladas, de tal modo que o efeito de idade de uma delas é sempre condicionado pelo das outras. O que há num determinado lugar é a operação simultânea de várias técnicas, por exemplo, técnicas agrícolas, industriais, de transporte, comércio ou marketing, técnicas que são diferentes segundo os produtos e qualitativamente diferentes para um mesmo produto, segundo as respectivas formas de produção. Essas técnicas particulares, essas "técnicas industriais", são manejadas por grupos sociais portadores de técnicas socioculturais diversas e se dão sobre um território que, ele próprio, em sua constituição material, é diverso, do ponto de vista técnico. São todas essas técnicas, incluindo as técnicas da vida, que nos dão a estrutura de um lugar. (SANTOS, 2006,p. 36)

Ainda existem relatos de relações amorosas entre presos e mulheres da vila, incluindo casamento. Um destes casos se deu com o Seu Júlio<sup>32</sup> que, na época em que estive lá, residia na vila em regime de Liberdade Condicional<sup>33</sup> e formara uma família com filhos e netos, sendo todos moradores.

Depois da desativação do Instituto Penal Cândido Mendes a comunidade da vila ficou "órfã" ( desenvolverei este termo, novamente, mais adiante) e, no sentido de que toda o suporte institucional à sua sobrevivência foi retirado junto com os presos. Ou seja, escola, saúde, manutenção, transporte e, ironicamente, a segurança da população, acabaram. Em função disto, muitas famílias se mudaram para o continente, deixando suas casas, que aos poucos foram se transformando em ruínas.

No entanto, algumas famílias permaneceram naquele lugar onde haviam tido seus filhos e construído seus lares. Foram poucas essas famílias, não somando mais que 100 habitantes, que tendo se estabelecido na região em função do presídio, como Agentes Carcerários e Policiais Militares<sup>34</sup>, resistiram, ainda que sem luz ou transporte. Muitos

32 Júlio de Almeida chegou ao Instituto Penal Cândido Mendes em 1962, mas continuou por perto após desativação.

33 Livramento ou liberdade condicional é o sistema em que um condenado, ao invés de cumprir toda a pena encarcerado, é posto em liberdade se houver preenchido determinadas condições impostas legalmente.

34 Departamento do Sistema Penitenciário do Rio de Janeiro (DESIPE) e Polícia Militar

indivíduos da comunidade descrevem uma época em que caminhavam os 13 km pela estrada até a Vila do Abraão, com toda família, para pegar embarcação até Angra dos Reis e comprar “mantimentos”. Voltavam carregados de compras, com o peso para evitar um mês de nova travessia.

Neste período, manifestações com cartazes carregados por mulheres e crianças, nas áreas onde estavam os escombros do presídio, pediam por segurança. Ainda hoje pode-se ver fotos destas ações no espaço do Museu do Cárcere, um dos núcleos do Ecomuseu Ilha Grande, que fica nas antigas instalações do presídio.

Enquanto proposta de compreensão sobre a relação e as ações desta população, no caso de sua resistência ao permanecer neste território:

Enquanto continuum dentro de um processo de dominação e/ou apropriação, o território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações -que é também e, sobretudo, multiplicidade de poderes, neles incorporados através dos múltiplos sujeitos envolvidos (tanto no sentido de quem sujeita quanto de quem é sujeitado, tanto no sentido das lutas hegemônicas quanto das lutas de resistência -pois poder sem resistência, por mínima que seja, não existe). Assim, devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com aqueles que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais/culturais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc. Os objetivos do controle social através de sua territorialização variam conforme a sociedade ou cultura, o grupo e, muitas vezes, com o próprio indivíduo (no caso da diferença de gênero, por exemplo).  
(HAESBAERT, 2007, p.22)

Como reflexão acerca deste território, ainda através de Rogério Haesbaert<sup>35</sup> e de suas considerações sobre as diferentes finalidades da territorialização, estas que acredito estarem quase todas exemplificadas pelos diferentes momentos históricos da Vila Dois Rios narrados até aqui:

Podemos, simplificadamente, falar em quatro grandes “fins” ou objetivos da territorialização, que podem ser acumulados e/ou distintamente valorizados ao longo do tempo: abrigo físico, fonte de recursos materiais e/ou meio de produção; identificação ou simbolização de grupos através de referentes espaciais (a começar pela própria construção de fronteiras); controle e/ou disciplinarização através do espaço (fortalecimento da ideia de indivíduo através de espaços também individualizados, no caso do mundo moderno); construção e controle de conexões e redes (fluxos, principalmente fluxos de pessoas, mercadorias e informações).  
(HAESBAERT, 2007, p. 28)

Com a retirada do presídio o Governo do Estado do Rio de Janeiro concedeu a

35 Rogério Haesbaert da Costa, geógrafo brasileiro nascido no Rio Grande do Sul, traz em sua carreira acadêmica e em seus escritos uma preocupação central com a categoria território e seus desmembramentos contemporâneos, das des-re-territorializações e as multi e transterritorialidades.

UERJ, por meio do Termo de Cessão de Uso nº 21, de 18/10/1994, toda a área e benfeitorias ocupadas pelo Instituto Penal Cândido Mendes. A cessão da área física compreende o período de 50 anos, com possibilidade de renovação e estabeleceu dentre os compromissos assumidos pela UERJ, a implantação de um Centro de Estudos Ambientais com o objetivo de inventariar e preservar a diversidade local e de um Museu para documentação e divulgação dos recursos naturais existentes e dos vários aspectos que envolvem a memória e as características locais. Em 1998 é criado o CEADS<sup>36</sup>, surgindo novas áreas de trabalho para a população da vila, ampliando suas práticas para setores administrativos, de vigilância, faxina, cozinha, capina. Em 2009 é inaugurado o primeiro módulo do Ecomuseu Ilha Grande, o Museu do Cárcere, também ampliando espaços de atuação da população, como na recepção de estudantes de diferentes instituições de educação, além de turistas de toda parte do mundo.

A vila, então, volta a receber suporte institucional no que se refere a saúde, segurança, manutenção e preservação, além de transporte oficial para o trânsito da comunidade em suas compras de mantimentos e também para os estudantes (crianças, jovens e adultos) que precisavam se deslocar até a Vila do Abraão.

As novas colocações de trabalho e a convivência com estudantes e pesquisadores, gera uma troca de conhecimentos, tanto do ponto de vista acadêmico, quanto do nativo. O turismo também amplia bastante as áreas de interesse dessa população, como por línguas e telecomunicação.

Ainda neste período, as leis ambientais e implantação de órgãos de fiscalização ao Parque Ambiental, criado na região da Vila Dois Rios, altera, consideravelmente, hábitos originais como o da caça e do cultivo, sendo a região submetida a frequentes rondas realizadas pelo Inea<sup>37</sup>.

Nesta época me mudei para a vila e foi quando tive acesso às suas histórias e, em especial, à sua comunidade. Sobre estas novas estruturas institucionais atuantes no território, seus moradores costumavam usar a expressão “muito cacique para pouco índio”. Expunham suas dificuldades de adequação as novas regras, em especial sobre as ambientais, sendo muitas vezes surpreendidos por proibições de práticas culturais. Segundo me relataram, não houve nenhum tipo de esclarecimento, apenas impostas leis a serem respeitadas.

36 Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentavel (SR2)

37 O Governo do Estado do Rio de Janeiro criou através da Lei nº 5.101, de 04 de outubro de 2007, o Instituto Estadual do Ambiente (Inea), submetido a regime autárquico especial e vinculado à Secretaria de Estado do Ambiente, com a função de executar as políticas estaduais do meio ambiente, de recursos hídricos e de recursos florestais adotadas pelos Poderes Executivo e Legislativo do Estado

Ainda que questionemos este caráter "desterritorializado" das jurisdições (cujo termo pode muitas vezes ser substituído por "territorialidades"), é evidente, na análise do autor, a multiplicidade de territórios -e também, num sentido mais amplo, territorialidades -que podem conviver num mesmo espaço, alimentando ou não as lutas pelo território. É o próprio Zambrano quem afirma, mais adiante, que o espaço pode ser concebido como "um cenário de pugna entre territorialidades, isto é, entre jurisdições, reais e imaginadas, que incidem sobre os territórios estruturados e habitados". Sugere então que "os territórios plurais são uma multiplicidade de espaços diversos, culturais, sociais e políticos, com conteúdos jurisdicionais em tensão, que produzem formas particulares de identidade territorial", um pouco como se todo território (formalmente instituído) implicasse o convívio de múltiplas territorialidades.  
(HAESBAERT, 2007, p. 33)

Minha presença também representava o "invasor" do território, já que era a pessoa presente para explicar, esclarecer e responder sobre os objetivos do Departamento Cultural da UERJ, através da criação do Ecomuseu Ilha Grande. A princípio, como eu só ouvia e respondia o que me perguntavam, eles me chamavam, entre eles, de "a espiã". Todos muito desconfiados, me provocavam contando sobre as maiores barbaridades cometidas na época do presídio. Penso que estavam tentando defender seu território desses novos "caciques".

Numa primeira hipótese de trabalho, dissemos que a geografia poderia ser construída a partir da consideração do espaço como um conjunto de fixos e fluxos. Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam.  
(SANTOS, 2006, p. 38)

Em alguns meses a comunidade começou a demonstrar sua aceitação à minha presença: Comecei a ser convidada para eventos sociais e, nas refeições dos funcionários da UERJ, eu entrei para a lista dos moradores que trabalhavam para a instituição. Foi aí que pude começar a fazer meu trabalho e também quando me tornei um híbrido.

Com relações muito mais orgânicas, fui mapeando as áreas possíveis de atuação. Ao adquirir a confiança da comunidade, também fui descobrindo práticas no espaço que estavam limitadas por novas regras, ao exemplo de apropriações indevidas de vigas de madeira ou equipamentos encontrados nas ruínas da antiga fazenda, que também fez parte do presídio.

A paisagem que se apresentava era de descaso com prédios históricos e a

comunidade não entendia um potencial de preservação daquelas objetos marcadores de memórias. Ao contrário, buscavam ressignificá-los ao seu próprio modo.

O que temos diante de nós são apenas fragmentos materiais de um passado - de sucessivos passados - cuja simples recolagem não nos ajuda em muito. De fato, a paisagem permite apenas supor um passado. Se queremos interpretar cada etapa da evolução social, cumpre-nos retomar a história que esses fragmentos de diferentes idades representam juntamente com a história tal como a sociedade a escreveu de momento em momento. Assim, reconstituímos a história pretérita da paisagem, mas a função da paisagem atual nos será dada por sua confrontação com a sociedade atual.” (SANTOS, 2006, p. 69)

E para além disso, acredito que essas ações, a margem da legalidade, estivessem também relacionadas a afirmação do seu território, na manutenção de suas práticas culturais que, como diria Haesbaert:

Os objetivos dos processos de territorialização, ou seja, de dominação e/ou de apropriação do espaço, variam muito ao longo do tempo e dos espaços. Assim, grande parte das sociedades tradicionais conjugava a construção material ("funcional") do território como abrigo e base de "recursos" com uma profunda identificação que recheava o espaço de referentes simbólicos fundamentais à manutenção de sua cultura.  
(HAESBAERT, 2007, p.: 28)

Ou, ainda, sobre espaço e objetos:

Quando a sociedade age sobre o espaço, ela não o faz sobre os objetos como realidade física, mas como realidade social, formas-conteúdo. Isto é, objetos sociais já valorizados aos quais ela (a sociedade) busca oferecer ou impor um novo valor. A ação se dá sobre objetos já agidos, isto é, portadores de ações concluídas mas ainda presentes. Esses objetos da ação são, desse modo, dotados de uma presença humana e por ela qualificados.  
(SANTOS, 2006, p. 71)

Como projeto, o Ecomuseu Ilha Grande seria formado por 4 módulos: Museu do Cárcere, Centro Multimídia, Parque Botânico e Museu do Meio Ambiente. Nestas perspectivas, minhas ações estiveram também voltadas para essas realizações, no sentido de esclarecer e incorporar a comunidade, valorizando seus saberes e suas contribuições ativas para efetivas criações.

Durante os dois anos que exerci esta função na comunidade, pude acompanhar a rotina do Museu do Cárcere, o desenvolvimento do Parque Botânico e colaborar com o acolhimento dos artefatos que representam a cultura caiçara, preservada através de instrumentos de uso para a feitura do café, ou que compunham uma “casa de farinha” e,

também, sobre a prática da pesca, representada por remos, redes e pela canoa caiçara feita da árvore nativa Guapuruvu.

Imagem 13 - Arte Educadora (Eu) nas dependências do Museu do Cárcere. Canoa e remos caiçaras adquiridos para exposição no Museu do Meio Ambiente.



Fonte: Acervo pessoal

Tendo indivíduos da comunidade como parceiros de trabalho, acompanhei toda restauração do antigo depósito da fazenda de café: com eles separei itens que encontrados entre as ruínas históricas do presídio, no meio da mata nativa renascida dos escombros, habitadas por bichos peçonhentos e visitadas por olhares atentos. Nesse processo, pude refletir em conjunto, sobre ressignificar o objeto depósito, ressignificado em presídio, e , ainda, nosso trabalho, ali, para criar o Museu do Meio Ambiente:

De um lado, o valor do objeto em forma absoluta envolve as suas características intrínsecas, os seus atributos, o que se pode esperar dele, que tipo de esforço ele pede, que tipo de trabalho pode oferecer. De outro lado, o valor sistemático do objeto supõe uma análise ou uma síntese: se partimos do existente: uma síntese, se desejamos propor uma outra forma de utilização do objeto.  
(SANTOS, 2006, p. 102)

Assumi outro trabalho em 2012 e segui com toda esta bagagem. Depois, em 2014, retornei como uma “filha” que volta ao seu lar e reencontrei meus amigos, e suas novas histórias, como a de uma família construída, sob e sobre todas aquelas ruínas.

Com a referência ao território e ao cotidiano, muitas vezes é esquecida a dinâmica entre abundância e escassez e a natureza multiescalar da economia e da política

e, logo, do poder. Também são esquecidas, as mobilizações forçadas e a dinâmica dos circuitos espaciais da produção, que definem o uso dos recursos e o futuro das práticas sociais. Além disto, omite-se que as lutas sociais nem sempre guardam correspondência com recursos imediatamente disponíveis; mas, ao contrário, correspondem ao direito de ir e vir, de atravessar fronteiras e de se apropriar de oportunidades instáveis. Portanto, reduzir a vida coletiva a uma única dimensão do espaço pode trazer a intensificação dos mecanismos de controle social colando as identidades culturais aos elementos mais visíveis da paisagem e restringindo o mapeamento de determinantes das desigualdades sociais. (RIBEIRO, 2012, p. 63)

Novas dinâmicas e novidades em antigas e conhecidas paisagens. Mas, igualmente significativas, onde estavam ali os territórios de trocas, de confissões e de vontades: O Museu do Meio Ambiente tinha sido inaugurado e me foi apresentado pela própria comunidade, com orgulho e com propriedade.

## 2.2 Órfãos do Pai Presídio

Práticas estabelecidas no passado são mantidas no presente por meio de múltiplos encontros e configurações. Hábitos oriundos de contextos passados entram pelo presente como se fossem parte deste e é difícil reconhecermos o que é passado e o que é presente.<sup>38</sup>

A partir deste relato, baseado em fatos históricos, acerca do surgimento dessa comunidade, pretendo agora trazer as histórias que me foram apresentadas, desde que eu era apenas uma ouvinte, até o momento em que também me tornei uma integrante, agente cultural e ativa no território.

O surgimento e desenvolvimento de um grupo social tão peculiar, formado de momentos históricos tão fora de contextos do conhecimento público, sempre me chamaram atenção, em especial porque seus integrantes nunca tiveram pudores ao contar suas realidades vividas nos diferentes momentos, mesmo aquelas mais chocantes ao senso comum, tanto por estarem isolados dos olhares continentais, quanto por acreditarem estar contribuindo com aquilo que era esperado que fizessem, muitas vezes apoiados institucionalmente nas práticas de extrema violência e considerando seus atos como o cumprimento do dever.

Focando no tema proposto, sobre os fluxos e fronteiras das práticas femininas, apresento as falas das minhas protagonistas, em suas relações com o território, eventos e

38SANTOS, 2006 pg 219

objetos geográficos, ainda contextualizando com estudos de intelectuais nas áreas de antropologia, filosofia e história.

Importante ressaltar que, neste meu intento, não poderia deixar de abordar conceitos como “Margem” e “Vidas Matáveis”, contrapondo práticas aceitáveis dentro de uma rotina em que se banaliza a violência, mas que ao mesmo tempo se pretende manter a segurança e a ordem para o bem comum.

Mesmo que eu já tivesse tido acesso aos relatos de extrema violência e da situação insalubre no qual viviam os presos nas instalações carcerárias do Instituto Penal Cândido Mendes, nada era mais assustador que ouvir seus contemporâneos, moradores livres e, em especial as mulheres, que se relacionavam em níveis de normalidade situacional dentro daquela rotina que, para uma “ estrangeira” como eu, quase parecia desafiar minha capacidade emocional em permanecer vivendo entre eles.

Nas primeiras conversas, durante as andanças pela Vila, parando aqui e ali para um papo com cafezinho passado na hora, essas matriarcas me contavam como criaram seus filhos na Vila, e em como o presídio e /ou presos nada representavam de perigoso aos seus modos de vida. Ao contrário: Cuidavam das ruas que eram impecavelmente limpas e seus canteiros capinados; Faziam manutenção dos espaços comunitários, como Posto de Saúde, Escola e Centro de Convivência, além de manterem uma Padaria ativamente produtiva, cujas crianças frequentavam em vários momentos do dia, atraídos pelo cheiro que vinha do forno.

A partir destes relatos, a minha percepção também foi se modificando, enquanto me envolvia naquilo que elas consideravam normal. Porém, toda história contada trazia elementos que se chocavam com minhas referências de “normalidade”, como o caso de que, muitas vezes, elas tinham que procurar seus filhos quando não voltavam para casa na hora do jantar. Saíam com suas lanternas procurando as crianças/jovens que estavam amarrados numa árvore no meio da mata, sendo devorados por insetos e expostos às jararacas nativas da região, o que sempre acontecia quando brincavam de “ Polícia e Ladrão”.

### 2.2.1 No paraíso: Excluídos sociais, perseguidos políticos e o Comando Vermelho

A ilha foi chamada de “Ilha do Medo”, “Inferno Verde”, “Sucursal do Inferno”, “Ilha dos Homens sem Alma” e “Caldeirão do Diabo”.<sup>39</sup>



Quem chega na Vila Dois Rios, hoje, pode não sentir o peso do seu passado. Mas não é fácil percebê-lo numa primeira vista: A imagem registrada por nossa percepção é a de uma pequena vila abandonada e cercada de mata exuberante; A luz do céu do dia, que ilumina detalhes de suas formas naturais, valoriza seus verdes e azuis, inegavelmente mais sedutores que os das ruínas de um tempo implodido; Ainda, aqueles que podem pernoitar, se perdem no céu estrelado que nos faz perder o chão.

No entanto, quando perduramos no espaço e passamos os dias conhecendo seus moradores e ouvindo suas histórias... deixamos de lado toda beleza natural e nos encontramos numa “redoma” histórica. Seja durante o dia, percorrendo os mesmos caminhos de sol quente, capina, pesca e dissabores, ou durante a noite, embebidos na cantina, ouvindo histórias que não poderiam sair dali.

A partir do meu lugar de escuta pude identificar as histórias mais recorrentemente contadas e recontadas por seu moradores. Mas é fato que busquei por caminhos que relatassem momentos representados por objetos geográficos ainda expostos e valorizados no território, e que objetivamente fariam parte de um roteiro de visita ao Ecomuseu, do qual fui responsável, cuja proposta era a de que toda Vila fizesse parte, assim como seus moradores.

Começando pelo sítio lítico, que remonta sua pré-história e representa uma população transitória, exclusivamente presente para produção de machados, passando pelas visitas de piratas e corsários na região, em busca de refúgio, comida e água, em especial durante o período do tráfico humano em que, como contam seus atuais moradores, “ esconderam dezenas de africanos naquela gruta e fecharam eles lá dentro com as pedras. Morreram de fome e sede para os traficantes não serem pegos”.

Ao lado da cantina da Vila, onde boa parte da comunidade passa o final do dia, seja para um café, para um carteadado, ou para aquela “branquinha”, fica a construção mais antiga do território, que foi construída ainda no período da fazenda de café. Supostamente tendo servido de depósito, mas que os moradores relatam ter servido como senzala. Curiosamente, este prédio foi utilizado como o primeiro cárcere institucionalizado da Colônia Correccional, que recebeu a população excluída do Rio de Janeiro de Pereira Passos:

Importantes autores do pensamento social brasileiro, como Sandra Pesavento, José Murilo de Carvalho e Luci Kowarick, entre muitos outros, foram essenciais para entender a

construção social da marginalidade. Escravos libertos, ao ocuparem as ruas das cidades brasileiras em busca de trabalho como ambulantes ou simplesmente ocupando o espaço com formas de sociabilidade como a capoeira, causavam medo e repulsa. Na nossa mentalidade colonizada, eles não eram os corpos brancos desejados para circular ao redor dos prédios com arquitetura europeia.

( Rosana Pinheiro Machado, The intercept Brasil, No Brasil de Bolsonaro, as definições de vagabundo foram atualizadas, 13/02/2019)

Na minha perspectiva, tais fatos são de suma relevância na compreensão acerca do que podemos chamar de banalização da violência, visto que as moradoras e moradores desta pequena Vila, isolada geograficamente em uma ilha, tinham suas referências territoriais estruturadas e estruturantes nas fronteiras encarceradoras e nos fluxos de pessoas selecionadas por critérios punitivos, ou seja, boa parte da população que se estabelece na região está relacionada com encarceramentos e/ou com a manutenção destes.

Ainda temos Graciliano Ramos, que ficou lá detido em sua permanência como preso político, cujas memórias foram relatadas em seu célebre romance histórico “Memórias do Cárcere”.

Muitos dos presos da Ilha Grande deixaram denúncias de maus-tratos e torturas em relatos, histórias e biografias amplamente divulgados pela imprensa e pelos demais meios de comunicação. Basta citarmos Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos, obra-prima da literatura magistralmente adaptada ao cinema. Em quase todos os depoimentos, livros e filmes, encontramos descrições detalhadas de uma violência, em que homens são cercados em um curral de arame farpado, cabeças decepadas e o coração tirado à faca do peito para ser jogado aos cachorros. A barbárie é denunciada pelos que passaram por ela; explicada, ainda que em seu paradoxo, pelos intelectuais; banalizada e/ou ressaltada pela imprensa. (SANTOS, 2006, p. 196)

Mas, sem dúvida, a história mais contada e valorizada por seus moradores é a do surgimento da organização criminosa conhecida como Comando Vermelho. Ainda mais por ter o seu território utilizado para produções audiovisuais que a retratam, com produções cinematográficas em que artistas de renome nas mídias estiveram presentes, sendo muitos de seus moradores figurantes dos filmes, e suas casas utilizadas para hospedagem e locação, como foi o caso do filme “400 contra 1”<sup>40</sup>.

40 Filme de Caco Souza, de 2010, tendo no elenco Daniel de Oliveira, Branca Messina, Daniela Escobar .  
Sinopse: Nos anos 70, um grupo de presos resolve se unir para lutar por direitos e ideais coletivos. William da Silva é um dos líderes deste grupo. Ele cumpriu pena no presídio da Ilha Grande, onde presos comuns eram colocados lado a lado com presos políticos, convivendo de forma pouco amigável.

Contextualizando esse período, na década de 60, a capital do país é transferida para Brasília e o controle dos presídios para o Estado da Guanabara, que depois da fusão torna-se o Estado do Rio de Janeiro. Surge em Dois Rios, então, o Instituto Penal Cândido Mendes, presídio de segurança máxima, para onde são destinados os presos mais perigosos do país.

Segundo me foi relatado em entrevistas durante o trabalho de campo, a vida na vila era muito boa neste período. Porém, para nossa compreensão, é importante entender que seus moradores viviam com toda a estrutura institucional para manutenção do complexo carcerário. Suas rotinas, mesmo nas suas migrações para o território, se deram em função do Presídio, tenha sido como funcionário da instituição, como membro da família de funcionário, ou mesmo como detento.

Não há possibilidade, enquanto narradora-ouvinte-agente, desenvolver juízo de valor em seus relatos, pois as referências que temos desde as rotinas no continente, são muito distintas das rotinas dentro desta realidade apresentada: Nas cidades temos a violência urbana temida, em especial se somos mulheres transitando em regiões ditas perigosas, no entanto, esses presos encaminhados para o cárcere em Dois Rios, isolados das convenções sociais urbanas, criam suas próprias rotinas de coexistência, ainda de sobrevivência dentro de uma estrutura em que maus tratos, punições desenvolvidas tanto pelos próprios presos, quanto pelos agentes carcerários, completamente alheios aos valores morais ou contextos definidos pelos direitos humanos, se desenvolvem e encontram seu próprio *modus operandi* para manutenção da ordem.

Como exemplo disso, Marilda relata que a vida era muito tranquila. Que os únicos momentos que deveriam sair de suas rotinas era quando soava a sirene avisando que houvera fuga de presos e que deveriam se recolher em suas casas. Mas, tanto Marilda, quando as demais entrevistadas contam, era justamente nestas ocasiões em que mais se divertiam: Curiosas e desobedientes, ficavam esperando, das suas varandas, verem os fujões, que nunca partiam pela vila, mas pelas matas, rumo à praias voltadas para o continente, onde seria mais fácil capturar alguma embarcação, ou encontrar comparsas já os aguardando para a fuga.

Nestas ocasiões, assim como relata Dona Teresa Cantuária e também Teresa Buiu, os homens saíam em campanha, e passavam cerca de 3 dias fora, “na caça dos fugitivos”. Também ouvi muitos relatos embebidos na cantina, dos agentes aposentados, que tinham ordem, em muitas destas fugas coletivas, de trazer os presos,

Com a mente transformada, William cria uma aliança ideológica onde a amizade se fortalece entre conflitos e assaltos, um dos grandes articuladores daquilo que viria a se tornar o Comando Vermelho.

mas deixar algum no caminho, para “dar exemplo”.

Celi e Marilda contam, ainda, que fazia parte da “diversão” saírem todos de suas casas quando as campanhas retornavam com os presos, para assistí-los apanhando e sendo reconduzidos às instalações insalubres, às quais essas não tinham acesso, apenas aos sons de seus gritos.

Neste contexto, além dos presos comuns, assaltantes de banco e traficantes, como Madame Satã<sup>41</sup> e Escadinha<sup>42</sup>, também eram enviados para lá os presos políticos do período da Ditadura Militar, como Nelson Rodrigues Filho<sup>43</sup> e Fernando Gabeira<sup>44</sup>. Assim, a partir deste convívio, nas dependências do Instituto Penal, nas suas trocas de experiências, e na tentativa de resistência aos maus tratos e arbitrariedades, surge uma das mais conhecidas facções criminosas do Brasil: O Comando Vermelho<sup>45</sup>.

Dentro do presídio, era a “lei do cão”: “Ou você era valente, ou você era assaltado, você era viciado, você era obrigado a passar a ser pederasta passivo, porque eles agarravam, matavam, estupravam, eles roubavam, assaltavam.” Nesses relatos, há a descrição – sem qualquer componente crítico ao sistema carcerário, sem qualquer sentimento de culpa do carcereiro – de como o preso era tratado. O ex-carcereiro me concedeu esta entrevista em um bar e havia outros moradores da vila ao redor. Ele me fazia tais relatos em voz alta, ou melhor, em tom de discurso, com certa altivez, sem demonstrar qualquer censura ou constrangimento. Pelo contrário: o funcionário defendia o sistema penal tal como ele era no passado, pois o “vagabundo” apanhava tanto que, quando era solto, tinha de pensar duas vezes se fazia ou não algo errado. Ele demonstrava um orgulho muito grande por ter sido um bom funcionário público, ter servido à nação e ao sistema de forma íntegra...

(SANTOS, 2006, p. 206)

Enquanto estive em Dois Rios e fui responsável, inclusive, por receber turistas e pesquisadores no Museu do Cárcere ( uma das estruturas do Ecomuseu), tínhamos na curadoria museológica os livros ATA do CVRL ( Comando Vermelho Rogério Lengruber), assim como algumas cartas de seus integrantes para familiares, que nunca chegaram aos seus destinos. Nesta época, os moradores me visitavam, e me observavam, assim como à um artefato museológico. Faziam questão de me apresentar aos objetos ali expostos,

41 João Francisco dos Santos, mais conhecido como Madame Satã, foi uma drag queen brasileira, vista como personagem emblemática da vida noturna e marginal carioca na primeira metade do século XX

42 José Carlos dos Reis Encina, vulgo "Escadinha", foi um traficante de drogas brasileiro.

43 Diretor de teatro, produtor e roteirista brasileiro, filho do dramaturgo Nelson Rodrigues.

44 Fernando Paulo Nagle Gabeira, conhecido também como Fernando Gabeira ou mesmo Gabeira, é um jornalista, escritor e político brasileiro

45 Comando Vermelho Rogério Lemgruber, mais conhecido como Comando Vermelho e pelas siglas CV e CVRL, é uma das maiores organizações criminosas do Brasil. Foi criada em 1979 no Instituto Penal Cândido Mendes, na Ilha Grande, Angra dos Reis, Rio de Janeiro

dando nome ao doador de cada peça, relatando seus usos nos eventos mais cruéis, expondo as contradições entre o horror e o orgulho destes conhecimentos.

Em meio à essas contradições, trago a questão do espetáculo das mídias acerca de ações criminosas, como foi o caso da fuga cinematográfica de José Carlos dos Reis Encina, vulgo "Escadinha", em 1986, que ficou na memória nacional e que recorrentemente é indagada pelos visitantes do Museu do Cárcere. Como o caso do dito popular, em que "quem conta um conto aumenta um ponto", há, inclusive, uma disputa nada sutil entre os moradores sobre quem melhor apresenta o ocorrido.

Ainda hoje é possível ter acesso à esse relatos, se lhe for permitido sentar à mesa da cantina da vila com moradores embebidos de suas cachaças e valentias.

### 2.2.2 Heranças do Pai Presídio

Observamos, entre os que conviveram no sistema carcerário existente na Ilha Grande, uma total incapacidade de estabelecer fronteiras morais no que diz respeito ao uso da violência.<sup>46</sup>

Após um século de histórias carcerárias, são muitos os elementos a serem levados em consideração para compreensão da formação de uma comunidade tão peculiar como a da Vila Dois Rios. Envoltos por natureza exuberante, muitas vezes descrita como "paraíso", a comunidade esteve isolada em seu território a maior parte do tempo, sem acesso às informações do que acontecia ou de como viviam em outras localidades. E ainda, aqueles que chegavam de fora vinham rotulados e/ou imersos, tanto presos quanto funcionários, nos mesmos valores.

A ilha não é punição apenas para presos. Para lá vão os guardas considerados problemáticos pelo próprio sistema. Além destes, há filhos e netos de guardas mais antigos, que se fixaram por lá em outras épocas, criando raízes. Aprenderam, desde cedo, o ofício dos pais, e cresceram imersos na peculiar cultura local. Muitos sequer conheciam o Rio. Que podiam pensar da vida? Como podiam entender aquelas levas de pessoas estranhas, vindas de longe, já na condição de prisioneiros?  
(LIMA, 1991, p. 35)

Como relatado anteriormente, a população da Vila ainda sente falta daquele período. As personalidades femininas aqui apresentadas, relatam em seus depoimentos

46SANTOS, 2006 pg 212

todas as vantagens da vida com a presença do presídio, sem citar, em nenhum momento, as ações violentas como algo ruim. Marilda, por exemplo, gosta de contar como a Vila era bonita e bem cuidada por conta da mão-de-obra dos presos. Presos, estes, que tinham permissão para trabalhar fora do cárcere e que, segundo ela conta, eram muito respeitosos, nunca diziam nenhuma “gracinha” para ninguém, “nem para mulher e nem para criança e respeitavam todo mundo muito bem”. E ainda: “a gente sente falta do presídio porque tínhamos mais segurança e a Vila era independente”.

A violência, tanto para os agentes penitenciários e policiais como para os ex-detentos, não vinha envolta em emoções e sentimentos. Mesmo para os familiares de policiais e presos, a violência cometida lá não parecia assustar. Ela apareceu nos relatos como moeda corrente de um cotidiano do qual adultos e crianças, de maneira geral, sentem falta.  
(SANTOS, 2006, p. 205)

Alguns destes relatos saudosistas ainda podem ser acessados pelo jornal independente, criado e distribuído por morador da Vila, o Sr. Hotair, com o apoio da associação de moradores.

Vila Dois Rios gostosa, alegre, domingo de sol aberto, descontraída... Assim era a vida da colônia naquela segunda metade do século passado até alguns anos mais tarde. Um lugar ainda não envelhecido, com ruas limpas, transportes sem problema para passeio, cinemas eram dois, um aqui e outro no Abraão, quadra de esporte e campo de futebol a mesma coisa (dois), com uniões sociais.  
(Jornal A Redação da Vila, setembro de 2001)

Depois da desativação do Instituto Penal Cândido Mendes a comunidade da vila ficou “órfã”, no sentido de que todo o suporte institucional à sua sobrevivência foi retirado junto com os presos. Ou seja, escola, saúde, manutenção, transporte e, ironicamente, a segurança da população, acabaram. Nesta perspectiva, os seus moradores ainda resistiram, realizando protestos, produzindo cartazes pedindo por segurança, ou montando barricadas para impedir a entrada do pessoal que deveria implodir as edificações do presídio. Em suas ações, conseguiram adiar o desmonte por cerca de duas semanas, mas ao fim, sobraram apenas ruínas.

Para os moradores de Vila Abraão e Vila Dois Rios, portanto, o presídio significava a presença de uma instituição forte do governo, que oferecia empregos e diversas outras ocupações. Os serviços médicos e odontológicos da prisão eram

franqueados à população local, sendo amplo o atendimento. Cantores, artistas, estrelas do mundo da mídia também por lá passavam promovendo espetáculos que tinham uma dupla audiência: a dos internos e a da população local. A partir da desativação da penitenciária, os moradores se sentiram desprotegidos.  
(SANTOS, 2006 p. 198 -199)

A desproteção a qual se referiam, como me foi relatada pelas personalidades femininas, dizia respeito às condições hostis da própria geografia da região e os fluxos do que era essencial para suas sobrevivências, como alimento ou atendimento médico. Não havendo manutenção da estrada, ou a existência de carros oficiais, ficavam limitada à caminhadas exaustivas até a Vila do Abraão, ou por embarcações capazes de enfrentar o mar aberto e instável da região.

Dessa forma, apesar de boa parte dos moradores terem se mudado para o continente, algumas famílias aceitaram o desafio de permanecer na região. Minhas entrevistadas e suas famílias enfrentaram tempos difíceis, na manutenção da vila e de suas estruturas. Situações como invasões de grileiros, ou de ladrões em busca de armamentos, ainda estocados nas dependências abandonadas do presídio, eram reprimidas com toda mobilização da comunidade que criara, na ocasião, uma escala de trabalho, em especial entre as mulheres que permaneciam na Vila enquanto os homens e jovens seguiam para o continente para buscar mantimentos e/ou em busca de tratamento médico para os que eventualmente adoeciam e eram levados carregados pela estrada. Além de assumirem as enxadas na tentativa de manter a antiga estrada acessível para seus deslocamentos, estas mulheres se armavam de porretes e expulsavam os invasores na paulada e no grito.

Importante explicar aqui que a desativação do presídio se deu, principalmente , por duas razões: Primeiro a ampliação do debate acerca dos Direitos Humanos, que envolviam a dificuldade dos presos terem o acesso de seus familiares e também de sobre uma fiscalização efetiva quanto aos maus tratos e insalubridade; Segundo, que o turismo na Ilha Grande teve um grande crescimento nos anos 80/90, impossibilitando a coexistência de presos e fugas, com o investimento no turismo, que promovia a circulação de público que atravessava a Ilha através de suas trilhas.

Dito isto, trago um dos primeiros episódios em que a população da Vila assume uma postura agressiva, não em função das questões aqui relatadas anteriormente, mas por conta da presença de turistas, jovens que chegaram à vila e lá resolveram pernoitar.

Aconteceu que em uma destas escalas de vigilância pela praia, um grupo de moradores encontrou esses jovens acampados fumando maconha. Suas reações foram tão violentas quanto às impostas aos criminosos mais perigosos que tentavam fugir do presídio.

Para Walter Benjamin, não temos consciência de que carregamos conosco os fantasmas do passado e somente quando um momento de perigo se aproxima é que nos vemos novamente assustados pelo passado e podemos reconhecê-lo (Benjamin, 1994). Nos últimos anos, o assassinato de dois turistas – um envolvido com práticas homossexuais e outra com porte de drogas – é visto por moradores de Dois Rios e do Abraão como casos exemplares das novas ameaças que lhes batem à porta. Voltaremos adiante a esse ponto, mas é importante destacar que os assassinos não são temidos – sua violência nem mesmo é percebida por boa parte da população –, mas sim o homossexualismo e a droga, o que deixa clara a dificuldade que esses moradores têm de se adaptar aos desafios que se apresentam após a desativação da penitenciária. O que não é visto e não é enfrentado não pode ser derrotado ou substituído. (SANTOS, 2006, p. 203)

Além disso, essas heranças não ficaram restritas à Ilha Grande. Muitos funcionários do presídio, que ainda estavam “na ativa”, foram transferidos. Apesar de suas famílias permanecerem na Vila Dois Rios, estes foram deslocados, retornando regularmente para suas casas na vila. Para ficarem mais próximos, se estabeleceram em Campo Grande<sup>47</sup>, onde também adquiriram residência e criaram rotina. É muito comum ouvir os moradores da Vila dizendo que vão para o Rio, como se Campo Grande fosse a sua Capital.

Nas conduções dos acontecimentos, nas recriações de uma realidade para além de suas fronteiras físicas, precisamos pensar em seus desdobramentos e em sua ressignificação no fluxo de seus agentes por novos espaços.

Certamente, os apenados são responsáveis por seus crimes, da mesma forma que os carcereiros pelos seus. No entanto, é inegável que o sistema carcerário, ao legitimar o uso da violência, sem o controle necessário, exerce uma força enorme sobre aqueles que se submetem ao sistema, força esta disciplinadora nos termos de Foucault (1979) e responsável pela falta de resistência interna aos espancamentos e torturas, que se encontram generalizados nos cárceres. A dificuldade de controle dessa violência resulta da incapacidade de se compreender ou aceitar que a natureza humana é constituída de ambigüidades, e não das noções claras e bem delimitadas entre “nós” e “eles”, “bem” e “mal”, “civilizado” e “selvagem”, e assim por diante, com que nos acostumamos. Aqueles que têm a posse da violência irrestrita a utilizam para o bem e para o

<sup>47</sup>Campo Grande é um extenso e populoso bairro da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro.



mal.  
(SANTOS, 2006, p. 211)

Ouvir estas histórias narradas por suas protagonistas, envolver-me por suas personalidades e afetos, além de ter participado ativamente de processos ressignificantes de suas rotinas, tornou-me uma personagem, que como disse antes, me parece híbrida, cuja compreensão e significados se pretendem apoiados em intelectuais e reestruturada com o aporte da academia. Ainda recebi estas “ heranças” incompreendidas. Me coube esta busca por inventariá-las.

### 2.2.3 Banalização da Vida

Existem vidas humanas que perderam a tal ponto a qualidade de bem jurídico, que a sua continuidade, tanto para o portador da vida como para a sociedade, perdeu permanentemente todo o valor?<sup>48</sup>

Para concluir este capítulo, levanto uma questão perigosa e polêmica, mas que me parece pertinente e necessária, em especial pelas histórias descritas acima sobre a violência banalizada e as vidas matáveis: Quanto destas experiências narradas têm relação com o surgimento das milícias<sup>49</sup> no Rio de Janeiro?

O que podemos perceber é que com a ausência do “Pai Presídio” surge a necessidade de buscar novas áreas de atuação e uso das práticas desenvolvidas e herdadas pelos seus funcionários. Daí encontramos um grupo especializado em punir aqueles que estão fora das regras ditadas por um poder soberano.

Enquanto o horizonte da estatalidade constituía o círculo mais vasto de qualquer vida comunitária, e as doutrinas políticas, religiosas, jurídicas e econômicas que o sustentavam ainda

48 Agamben, Giorgio Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I / Giorgio Agamben; tradução de Henrique Burigo. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. pg 140

49 Milícia (do [latim](#) militia) é a designação genérica das [organizações militares](#) ou paramilitares, ou de qualquer organização que apresente grande grau de atuação. Stricto sensu, o termo refere-se a organizações compostas por cidadãos comuns armados (apelidados de milicianos ou milicianes), ou com [poder de polícia](#) que, teoricamente, não integram as [forças armadas](#) ou a [polícia](#) de um país. As milícias podem ser organizações oficiais mantidas parcialmente com recursos do [Estado](#) e em parceria com organizações de carácter privado, muitas vezes de [legalidade](#) duvidosa. Podem ter objetivos públicos de defesa nacional ou de segurança interna, ou podem atuar na defesa de interesses particulares, com objetivos políticos e monetários. São ainda consideradas milícias todas as organizações da [administração pública terceirizada](#) e que possuam estatuto militar, não pertencendo no entanto às Forças Armadas de um país

estavam firmes, esta "esfera mais extrema" não podia verdadeiramente vir a luz. O problema da soberania reduzia-se então a identificar quem, no interior do ordenamento, fosse investido de certos poderes, sem que a próprio limiar do ordenamento fosse jamais posto em questão.  
( AGAMBEN, 2002, p. 19)

Neste contexto surgem forças paramilitares<sup>50</sup>, ligadas à instituições privadas, que começam a exercer seu poder de violência apreendida, através da coação e punição, com a finalidade de um suposto ordenamento, em especial sobre áreas com populações mais pobres e desprovidas de suportes mais efetivos de construção e valorização da cidadania, as quais, podemos dizer, encontram-se à margem.

Para essa parte da população que ocupava as ruas, a violência sempre foi um projeto de estado em sua aliança com a elite. Se essas pessoas são marginais – ou seja, não são parte do Brasil desenvolvido cultivado na imaginação colonizada –, a patrula estatal pode esmagar, afinal não são grupos reconhecidos como parte da sociedade.  
( Rosana Pinheiro Machado, The intercept Brasil, No Brasil de Bolsonaro, as definições de vagabundo foram atualizadas, 13/02/2019)

Esses grupos, que chamamos Milícias, começam a atuar para empresas privadas, na realização de segurança de patrimônio, ou mesmo para segurança pessoal, como no caso de empresários, ou mesmo de políticos. A problemática principal é a de identificação do que, ou de quem, estes milicianos defendem seus patrões: Sobre suas capacidades de julgamento acerca de quem seriam os “vagabundos” a serem “eliminados” para o cumprimento de suas missões, visto que num estado de exceção, em que a população pobre, e especialmente a negra, sempre esteve exposta a esse julgamento de “marginal” e no topo da lista dos seres matáveis, onde “A vida nua continua presa a ela sob a forma da exceção, isto é, de alguma coisa que é incluída somente através de uma exclusão” ( AGAMBEN, 2002 :pg 18)

A partir deste deslocamento de suas “funções” para novas áreas de atuação, institucionalizadas pelo “ Pai Presídio”, a violência banalizada pela população inicia um caminho de contra-mão e, aqueles mesmos seres que deveriam ser protegidos, começam a ser incluídos aos excluídos, na convergência entre o poder político e o capitalismo,  
50Forças paramilitares (também conhecidas como Milícias) são associações civis, [armadas](#) e com estrutura semelhante à militar. Todo grupo ou associação com fins político-partidários, religiosos ou ideológicos, formado por membros armados, que usam táticas e técnicas policiais e/ou militares para a consecução de seus objetivos, pode ser classificado como paramilitar. Em determinados casos, alguns dos membros de forças paramilitares também fazem parte das forças militares regulares. No Brasil, associações paramilitares são proibidas, segundo a Constituição Federal de 1988.

como refletiu Agamben através das palavras de Michel Foucault<sup>51</sup> :

Resulta daí uma espécie de animalização do homem posta em prática através das mais sofisticadas técnicas políticas. Surgem então na história seja no difundir-se das possibilidades das ciências humanas e sociais, seja a simultânea possibilidade de proteger a vida e de autorizar seu holocausto.  
(Apud AGAMBEN, op. cit., p. 11)

Trazendo esta reflexão para acontecimentos mais atuais, vemos um Governo que faz homenagem aos Milicianos e que valoriza esta forma de “controle” sobre a sociedade civil, reafirmando e, ao mesmo tempo, incorporando novas interpretações para o conceito “vagabundo”:

O caminho que transformou o marginal em alguém socialmente autorizado a morrer é longo e resulta de um longo processo de produção midiática hegemônica que sempre tratou a “marginalidade” como nefasta. O marginal, assim, foi se transformando cada vez mais em um criminoso ao longo do século 20. No século 21, no Brasil distópico de Bolsonaro, conjugado com pacote do populismo penal de Sérgio Moro, o vagabundo é mais que um criminoso: agora ele é também um terrorista.

( Rosana Pinheiro Machado, The intercept Brasil, No Brasil de Bolsonaro, as definições de vagabundo foram atualizadas, 13/02/2019)

Deste ponto de vista, me parece iminente um genocídio das populações mais pobres, autorizado e coordenado pelo poder soberano. Poder, este, dado através de eleições democráticas, autorizado a garantir a segurança da população que, ao mesmo tempo, tornou-se alvo de sua exclusão :

Se ao soberano, na medida em que decide sobre o estado de exceção, compete em qualquer tempo o poder de decidir qual vida possa ser morta sem que se cometa homicídio, na idade da biopolítica este poder tende a emancipar-se do estado de exceção, transformando-se em poder de decidir sobre o ponto em que a vida cessa de ser politicamente relevante. Não só, como sugere Schmitt, quando a vida torna-se o valor político supremo coloca-se aí também o problema de seu desvalor; na verdade, tudo se desenrola como se nesta decisão estivesse em jogo a consistência última do poder soberano.  
( AGAMBEN, 2002 :pg 149)

<sup>51</sup>Michel Foucault; Poitiers, 15 de outubro de 1926 — Paris, 25 de junho de 1984 foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no célebre Collège de France, de 1970 até 1984.

Outras perguntas me vêm à razão, principalmente sobre o porquê desta população mais exposta ao preconceito e à criminalização de suas práticas, ter eleito um governo que os exclui. Mas ainda temos um longo caminho reflexivo para estas respostas serem acessadas por nossas consciências. Há muito “em jogo”, como dizem.

A nossa política não conhece hoje outro valor (e, conseqüentemente, outro desvalor) que a vida, e até que as contradições que isto implica não forem solucionadas, nazismo e fascismo, que haviam feito da decisão sobre a vida nua o critério político supremo, permanecerão desgraçadamente atuais.

(AGAMBEN, 2002 :pg 18)

E é justamente a partir destes “supostos” ditadores de valores e histórias, que conclamo toda a força criadora e geradora de vida, que sustenta e alimenta, agora em seu devido lugar de fala e poder.

Sigamos!

## CAPÍTULO III – DIÁRIO DE BORDO

### 3.1 O Trabalho de Campo

Dentro do que se define o Trabalho de Campo, como uma atividade realizada por pesquisadores na natureza ou no local onde o fenômeno estudado ocorre naturalmente, inicio este capítulo elegendo três momentos em que estive o realizando na Vila Dois Rios, em seus mais amplos aspectos, para esclarecer pontos importantes entre diferentes tempos, com o objetivo de mapear fluxos do feminino, entre as fronteiras do patriarcado.

#### 3.1.1- Contrato Administrativo

A primeira etapa deste trabalho se deu no período em que lá estive pela primeira vez, como Arte Educadora responsável pelas ações do Ecomuseu Ilha Grande.

Penso que até aqui já estejam bem apresentadas as minhas responsabilidades institucionais junto à comunidade de Dois Rios, nos dois anos que morei na Vila. Mas trago, neste momento, outros níveis de relações, em especial com as mulheres que apresento como minhas protagonistas.

Nas contradições que explicito desta história, tenho aquelas que me foram apresentadas primeiro, quando e assim que aceitei o trabalho: Por um lado, o departamento da UERJ que administra a Vila me orientando a não criar “laços” com a comunidade, manter distanciamento das suas questões, mas morar lá, fazer meu trabalho e cumprir com as demandas da instituição; Por outro lado o departamento responsável pelo Ecomuseu Ilha Grande, que me contratou para dar sentido ao conceito caracterizado pela participação efetiva da comunidade, que me orientou o envolvimento pleno com seus moradores, na expectativa de que deveria cumprir com as demandas da instituição.

Ao mesmo tempo que era acompanhada diariamente pela administração institucional, fui deixada sozinha para dar conta das demandas do Ecomuseu. Assim, em pouco tempo, fui acolhida pelas mulheres da Vila que trabalhavam para a administração, isto sendo percebido em pequenos gestos, como me incluir na lista de moradores nas refeições a que tem direito os funcionários, pesquisadores e estudantes da instituição, ou mesmo as marmitas guardadas escondidas, pois os horários das refeições eram rigorosos

e, muitas vezes, eu ficava “presa” com os visitantes do Museu, ou com as demandas da própria comunidade.

Tudo isso ainda se expande pelos outros espaços da Vila, fora dos domínios institucionais: Quando era resgatada de situações tensas nas trocas com algum morador inconveniente, em que fui assediada, sendo acolhida pelas mulheres que me cercavam de proteção com o respeito que adquiriram em seus lugares de poder; Quando passava o dia produzindo eventos, divulgando, carregando equipamentos, conversando pelas ruas com os passantes para convidá-los, colando cartazes... e depois de litros de café, havia perdido os horários das refeições... essas mulheres, me pegavam pelo braço, me botavam sentada em suas casas, ou por trás do balcão da cantina, e me “obrigavam” a comer uma prato pronto de comida, daqueles amarradinhos com toalha de prato feitos pelas mães.

Bem diferente do acolhimento que tive da instituição, que me expôs à comunidade como responsável de suas demandas, me ofereceu estadia e alimento, mas nunca considerando meu trabalho de campo e as recorrentes situações de desconforto e constrangimento: Em uma ocasião, fui assediada por um Prof. Dr. da instituição, que teve a ousadia de bater na porta do quarto onde morei por meses, no alojamento da UERJ, sem que ninguém desse conta; Mandarem um funcionário conversar comigo sobre não namorar um morador porque isso era ruim para a minha “imagem” e me transferirem para dependências desconfortáveis onde deveria morar por ter negado render minha vida pessoal às demandas institucionais.

Ou seja, a administração institucional queria que eu trabalhasse 24h por dia, praticamente como se eu também fizesse parte da concessão quando assinei o contrato, enquanto o Ecomuseu me queria integrada, casada e com muitos filhos, para nunca mais sair de lá. Ainda, todo preconceito, uma vez que quem trabalhava na instituição e determinava essa procedência não tivesse nenhuma experiência sobre morar e trabalhar lá, acreditando que seria um prêmio morar no paraíso, em detrimento de estar prisioneira de suas demandas intermináveis e contraditórias.

Imagem14- Arte Educadora apresentado a Vila Dois Rios e dando entrevista para equipe de audiovisual da UERJ para produção de documentário sobre o Ecomuseu Ilha Grande



Fonte: Acervo pessoal

Imagem15- Arte Educadora reunida com jovens da comunidade para esclarecimento e divulgação de projeto de educação em audiovisual



Fonte: Acervo pessoal

Imagem16- Arte Educadora recebendo o Sr. Henrique, caiçara e ex funcionário do presídio, aos 87 anos



Fonte: Acervo pessoal

Mas as Mulheres, protagonistas dessa história, me acolheram. Elas brigavam por mim e também brigavam comigo. Praticamente se apresentavam como minhas mães, e para quem a minha própria mãe ligava quando precisava de notícias, em especial porque na época não havia sinal de telefonia celular nem de internet.

Entre ser suspeita de espionagem pela comunidade e ser cobrada pelo envolvimento da mesma nas ações do Ecomuseu, essas mulheres fizeram a liga entre o que eu devia fazer com o que eu queria fazer, mas tudo reformulado e reconfigurado nos próprios moldes do lugar, no tempo de seu desenrolar, passando por todas as camadas... tudo isso orquestrado por elas!

Por exemplo, quando me foi orientado pelo Departamento Cultural (DECULT- UERJ) que deveria mediar com a comunidade a criação de oficinas usando material de descarte, participei de simpósios com o tema, recebi currículos da equipe de museologia sobre artesãos e ascedi a coisa toda, produzindo a vinda de uma artesã primorosa, Dona Rudi, que junto de seu marido realizavam trabalhos incríveis com garrafas PET. Entrei em contato, consegui que aceitassem, pois a Rudi tinha problemas físicos sérios... Chegaram em Conceição de Jacareí em um fusquinha, quando os recebi. Consegui um estacionamento, agendei um barco de menos impácto e fui junto, sentindo todo o esforço do traslado para aquele casal. Chegamos na Ilha e lá já tinha o transporte para eles, agendado por mim. Na Vila, a administração do CEADS já sabia da dificuldade física da



oficineira e nós já havíamos preparado um quarto no térreo para hospedá-los confortavelmente. Produção feita.

As mulheres da comunidade apareceram em massa. A presença para a oficina foi espetacular, que aconteceu no Centro de Convivência ( antigo Cassino nos tempos do presídio). Rude e seu marido deram orientações preciosas por mais de 10 horas. Ninguém queria ir embora.

Depois que partiram, fiquei responsável pela lista de equipamentos e materiais para que a comunidade pudesse realizar trabalhos artesanais a partir das técnicas apreendidas. Fui cobrada, diariamente, várias vezes por dia, pela chegada de materiais, equipamentos...

A equipe do Ecomuseu no continente ficou responsável por comprar materiais e equipamentos da lista, enquanto que eu deveria convencer a comunidade a participar de um mutirão e reformar o prédio antigo da escola, criando um espaço de oficina e também organizando um acervo de livros depositados por lá. ( Avepachamama!)

Pois então, o fiz. Consegui o apoio das mulheres aqui apresentadas e levamos outros moradores, inclusive as crianças e jovens. Conseguimos transferir e catalogar a biblioteca no andar superior, limpar e reformar o térreo como espaço de oficina. Ainda comprei ingredientes para o famoso cachorro quente da Tereza Buiu, para celebrar o trabalho coletivo em razão do próprio coletivo!

Imagem17- Oficina do Projeto Ecomuseu Recicla organizada e reformada pela comunidade da Vila Dois Rios



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem18- Oficina do Projeto Ecomuseu Recicla organizada e reformada pela comunidade da Vila Dois Rios



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem19- Materiais adquiridos pelo Ecomuseu para realização das oficinas, organizados em armário reutilizado da antiga escola



Fonte: Arquivo pessoal

Quando os materiais e equipamentos chegaram, houve um enorme envolvimento das pessoas da comunidade no projeto. Mesmo tendo como maioria as mulheres, alguns homens também se envolveram e compartilharam dos materiais e do espaço. Porém, há um elemento curioso neste movimento: Uma resistência muito evidente entre as mulheres em aceitar os elementos masculinos no espaço. Tão evidente que os homens se afastaram da oficina, apenas compartilhando de alguns materiais.

Seu Julio, por exemplo, que foi um preso muito famoso e que participou de

inúmeras entrevistas e documentários, também foi um grande artista, que usava muito os resíduos orgânicos trazidos pelas ressacas do mar. Quando usou a varanda da oficina para suas realizações, rapidamente sofreu com os impedimentos das mulheres, que ali haviam criado um território de empoderamento e de resistência para suas ações.

Imagem20- Peixe de garrafa PET criado por artesão da Vila Dois Rios



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 21- Saboneteira com tema floral, feito de garrafa PET por artesã da Vila Dois Rios



Fonte: Arquivo pessoal

Um outro assunto delicado quanto as relações com a comunidade e as

responsabilidades institucionais, trata de práticas ilícitas recorrentes na comunidade que envolviam a usurpação de materiais de obra e/ou de demolição das estruturas do antigo presídio, em fase de reforma para implantação dos núcleos do Ecomuseu. Apesar de ser Arte Educadora, as demandas a que me submetiam estrapolava a função: Assim como recrutar pessoas da comunidade para trabalhos de limpeza, capina e seleção de materiais oriundos da implosão, também ficava exposta às denúncias feitas pelos moradores de roubo de cimento, tijolos e vigas estruturais, pelos outros moradores.

Em uma ocasião específica, uma comitiva de coordenadores vieram do continente para averiguar uma denúncia sobre moradora que, supostamente, havia se apropriado de viga estrutural de um antigo prédio em reforma, que viria a ser o Museu do Meio Ambiente. Por acaso eu estava no caminho da comitiva e fui convidada à acompanhá-los. De fato, a viga encontrava-se no terreno da moradora e o administrador adentrou a casa para fotografar e fazer uma denúncia formal junto à UERJ, que detém a concessão do território. Porém, apesar das casas não serem de propriedade de seus moradores, mas sim da União, o administrador não poderia ter entrado no terreno, fato que eu desconhecia. Mas, depois da denúncia formal feita e a moradora ter recebido intimação para prestar contas, fato que eu também desconhecia, ela me abordou entre meus caminhos de trabalho para perguntar se eu estava na ocasião da comitiva e se eu sabia sobre terem entrado em seu terreno. Como uma forma de conviver e pertencer naquela comunidade, além de meus valores pessoais e intransferíveis, sempre usei da verdade em qualquer situação. Sendo assim, falei o que havia acontecido. Pois bem, esta moradora entrou com uma ação contra a Universidade, por invasão.

Reuniões e tentativas de acordo foram feitas. Fui intimada a participar de todas, inclusive a dar um depoimento formal, em uma salinha nas dependências do prédio do Maracanã, em que fui assediada por dois colegas de departamento, homens, à mudar meu depoimento sobre terem entrado no terreno em questão, o que obviamente não fiz.. Ou seja, fui tratada como uma traidora pela instituição que havia me deixado sozinha na Vila para dar conta de demandas que estrapolavam a minha função, e ainda lidar sozinha com a comunidade no território estruturado por experiências singulares.

Agora preciso contar que minha relação amorosa com o morador da Vila evoluiu. A partir daí fui definitivamente incluída na comunidade, assim como pela família do meu companheiro na ocasião, cuja matriarca é Dona Teresa Cantuária, e seus integrantes somam boa parte da população local. Ou seja, a administração da Vila já não invadia minha vida pessoal, assim como também não definia onde eu dormia ou comia, pois os

Cantuária me acolheram em todos os aspectos, tendo recebido além de abrigo e alimento, a proteção contra os assédios morais e também sexuais.

Eis aí um elemento delicado a ser levantado enquanto “trabalho de campo”, mas, definitivamente, não conseguiria realizar minhas ações sem este envolvimento, que não poderia nunca ser levantado enquanto método. Também não me ocorre o que mais poderia ser.

Ao mesmo tempo que incluída e protegida na/pela comunidade, muito em função das suas mulheres, as quais neste momento me uni, também me tornei herdeira e refém de um modo de vida do qual não podia me integrar plenamente: Modos de viver e de posicionamento, em especial enquanto reflexão entre público e privado, entre bruxas e santas... Não cabiam a mim, que era arte educadora e, neste caso, mais “pública” impossível, mas também companheira de um morador, filho de família tradicionalmente evangélica, mais “privada” impossível.

Meu companheiro era muito ciumento e extremamente instável quando alcoolizado. Conhecidas essas suas características por todos, as mulheres da vila me orientavam quanto a minha conduta e me diziam o que devia ou não fazer para evitar conflito.

Apesar de ouvi-las e respeitar sua sabedoria, também tinha meu trabalho e demandas profissionais muito claramente contraditórias às expectativas do privado e controle estrutural patriarcal, que neste caso era oriundo de outro tempo e herança.

Em Janeiro de 2012 estive envolvida profissionalmente com um grupo de pesquisadores e estudantes durante todo um dia. Depois de muitas horas e cumprido o trabalho, partimos para a cantina da Vila, para uma confraternização que envolviam cervejas e comidas. Já havia partilhado dessas experiências em outras ocasiões, porém, nesta, meu companheiro consumiu muito álcool e chegou, como dizem, com “fogo nos olhos”. Além de quebrar cadeiras e mesas do espaço público, com público local e externo presentes, sacou de uma arma e apontou para a minha cabeça, ameaçando atirar.

Apesar do trauma, me lembro de todos se levantando das mesas, em especial os homens, e partindo para o caminho que levava ao alojamento da UERJ. Enquanto as mulheres da comunidade, ou as mulheres que eram pesquisadoras na Vila, ficaram: Se levantaram e conversaram com meu agressor. Uma delas me pegou pelos braços e me conduziu para fora do estabelecimento, enquanto repetia em meus ouvidos: Siga em frente e não olha para trás!

Quando estávamos na esquina do meu alojamento, vimos os homens voltando, que quando nos alcançaram, disseram: voltamos para te proteger. ( Rs! )

No dia seguinte fui à casa da Família Cantuária e fui conversar com Dona Teresa. Ela já sabia do ocorrido, porque por lá tudo chega mais rápido que o grito do quero-quero. Choramos, nos abraçamos... Ela me disse que eu deveria ir dar queixa de seu filho na delegacia, e que se ela não fosse a mãe do agressor, ela mesma iria comigo.

Era uma segunda-feira, o carro oficial saía às 7h da Vila Dois Rios. Acompanhada de pessoas da comunidade, esperei o transporte que atravessa a ilha, desde o lado voltado para o mar aberto, até o lado voltado para o continente. Um barco que deixa tudo que passou para trás, e na minha frente tudo que havia deixado antes.

Embarquei no ônibus, desde Conceição de Jacareí, rumo ao Maracanã. Dali, direto para o Departamento Cultural da UERJ, onde pedi minhas férias, já vencidas.

E a Ilha...

### 3.1.2 – Reencontros e Releituras

Encerrei meu contrato com a UERJ e não voltei mais à Ilha Grande.

Um tanto de constrangimento de reencontrar a comunidade que me acolheu nos seus moldes e outro tanto de mágoa pela forma com a qual a instituição havia me tratado.

Algum tempo depois integrei uma equipe de arte educadores, em um projeto sócio-ambiental<sup>52</sup> itinerante, percorrendo todo litoral do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em determinada etapa do projeto, em meados de 2014, chegamos à Angra dos Reis e, em função da experiência que tive antes, elegemos a Ilha Grande como território para nossas ações, que aconteciam por um período de 3 meses, em média.

Como Contadora de Histórias e Artista Plástica, formava turmas para capacitação nessas linguagens em função da Educação Ambiental.

Alugamos uma casa na Vila do Abraão e, depois que nos instalamos, iniciei a divulgação do projeto na região, da forma que as coisas se dão por lá, no contato direto com moradores e demais instituições atuantes na Ilha.

Como era de se esperar, em muito pouco tempo a comunidade de Dois Rios já sabia que eu estava por perto, levando em conta que a Vila do Abraão é o principal ponto de entrada e partida da Ilha Grande e, além disso, o posto de saúde e a escola que atendem aos seus moradores também ficam por lá.

Aos poucos fui encontrando as pessoas, mas numa ocasião específica, em que saía de uma das minhas oficinas, numa sexta-feira, por volta das 17h, encontrei o amigo

52 O Projeto Garoupa trabalha com pesquisa e educação para a conservação e gestão compartilhada dos recursos naturais.

Marcos (Marquinhos), que é o responsável pelo transporte oficial da Associação de Moradores da Comunidade da Vila Dois Rios. Depois de conversarmos rapidamente, nos atualizando das novidades, ele insistiu muito para que eu seguisse com ele para a Vila, pois estava acontecendo a inauguração de um dos espaços do Ecomuseu e, assim, eu poderia rever muitos amigos. Ainda tentei explicar que estava cheia de equipamentos e que precisava de um banho, mas ele retrucou dizendo que me esperaria e me buscaria o mais próximo possível da minha casa. Dessa forma, segui pela estrada que cruza a Ilha, mais uma vez, sem saber o que me esperava, ou como seria recebida pela comunidade depois de tanto tempo.

Aquele mesmo cenário de passado implodido, cantos de pássaros e gritos de bugios me recepcionando. Em contrapartida não havia nenhum morador circulando por suas ruas de terra, cercadas de verdes e azul exuberantes.

Marquinhos conduziu o carro até a entrada do Museu e me disse para entrar primeiro, porque ele tinha que deixar as comprar que transportava nas casas de alguns moradores. Desci do carro e confesso que minhas mãos suavam e meu estômago fazia-se lembrado.

Antes mesmo que tivesse chance de atravessar os portões do antigo cárcere, das guaritas de onde se vigiavam os presos no andar de cima, uma dezena de vozes de crianças soavam com o meu nome, ou melhor, elas gritavam: \_Sassá!!!! Tia Sabrina!!! Sassá está aqui!!! Gente, a Tia Sabrina!!!!

Ainda fico muito emocionada lembrando disso!

Elas desceram as escadas gritando e vindo em minha direção. Fui cercada por elas e me perdi em seus braços, beijos e pulinhos. Não sei quanto tempo durou, mas quando me dei conta, todos os outros convidados do evento, moradores, funcionários e professores da UERJ, estavam ali parados nos observando. Uma voz familiar, vinda de um microfone, me tirou do transe, dizendo: \_Quem é essa ilustre visitante que chegou?\_ Era o meu ex chefe, quem eu acabara de interromper em seu discurso, com a minha chegada.

Pedi desculpas e tentei me manter o mais discreta possível, mas não houve jeito de evitar todas as pessoas que vinham me abraçar, que queriam saber de mim e que também queriam falar delas próprias para mim.

No final do evento eu já estava sentada em alguma calçada, cercada de crianças que falavam e se exibiam nas suas novas descobertas feitas nos últimos anos... eu gargalhava com elas enquanto as pessoas iam saindo do evento, nos observando,

pedindo para eu passar na sua casa porque iriam fazer um café, ou dizendo para eu ir encontrá-las na cantina... Mas o que mais me fez perceber o que havia acontecido foi uma das vozes, a de uma das minhas protagonistas, a Celi, que rindo enquanto se afastava, dizia: \_Ai, Sassá... parece que você nunca saiu daqui!

Perdi o transporte de volta para a Vila do Abraão daquela noite e depois de uma pequena disputa sobre onde eu deveria dormir, passei o final de semana inteiro, de casa em casa, como se nunca tivesse ido embora.

Marilda me levou à antiga escola, que também teve a fachada restaurada, onde a oficina estava viva, já recebendo visitantes e tendo o artesato viajando por muitos lugares do globo terrestre.

Imagem 22- Prédio da antiga escola, hoje sede do Ecomuseu Ilha Grande. No primeiro andar fica a oficina de artesanato e o segundo andar abriga a Biblioteca Comunitária.



Fonte: Arquivo pessoal

Celi e eu tomamos nosso tradicional “café passado na hora”, enquanto ela me narrava todas as histórias dos acontecidos dos conhecidos e , em especial, de sua própria vida, que ainda envolvia muita dor nas costas, com as cirurgias na coluna que, na época, ainda não haviam solucionado a questão e se agravado por conta de erros médicos.

Corri quase 1 km para alcançar Dona Teresa Cantuária, depois que soube do seu horário na escala da cozinha do CEADS. Aconteceu que quando lá cheguei, ela já estava voltando para casa, pelo caminho alternativo ao que eu havia feito. Corri e corri, até alcançá-la, antes que chegasse para seu descanso: Ainda não queria entrar na casa da família que fiz parte e que também tinha ficado partida no tempo. Esbaforida, dei um susto



danado nela! Mas seu afeto e a gentileza do seu coração me acolheram lindamente! Carinhos mútuos e o convite que me deixou na Vila por todo final de semana: \_ Getúlio vai matar um galo e você vem almoçar conosco no domingo!\_ E eu... ai que saudades que eu estava daquela comida!

Tereza Buiu, que é vizinha da Teresa Cantuária, me vendo ali na frente da sua casa, não perdeu tempo e já anunciou: \_ Olha só, Sabrina, se você não vier aqui, agora, não precisa mais falar comigo!\_ E eu só obedeço: Mais café e muitas histórias.

### 3.1.3 - Despedidas e Homenagem

Os anos de 2016 e 2017 ficaram marcados por tristes perdas na Vila Dois Rios. A comunidade, que tem cerca de 100 habitantes, sofreu com as mortes de 7 de seus vizinhos e amigos, sendo 4 deles da mesma família. Apesar deste número, as mortes não tiveram ligação direta umas com as outras, todas ocorridas por causas naturais.

Não pude simplesmente tomar consciência destas perdas. Precisava me despedir deles com a comunidade. Em especial por ocasião do falecimento de um grande amigo, Ailton Oliveira, meu padrinho de coração, cujos 3 filhos amados acompanhei crescerem na Vila e, quem me apelidou de “Dama da Chuva”.

Arrumei minha mochila e segui para Iha Grande. Fiquei hospedada na casa de amigos e, de acordo com que conversava com minhas “Mães da Ilha”, fomos organizando uma despedida na cantina, ao mesmo tempo que eu ia sendo atualizada sobre fatos ocorridos na comunidade que haviam modificando a rotina de boa parte das mulheres da comunidade.

Imagem 23 -Celi e eu, na cantina, organizando a despedida do nosso amigo



Fonte: Acervo Pessoal

Por exemplo, uma prática muito recorrente em comunidades pequenas, a Fofoca: Foi espalhado na comunidade que uma de suas moradoras estaria traindo o marido com um vigilante patrimonial do CEADS. Foi um bafafá e tanto, porque o marido é primo do vigilante e cuja família soma boa parte dos moradores mais antigos da Ilha, tanto em Dois Rios, quanto na Vila do Abraão e que, na sua maioria, é evangélica. Lembrando que tais questões ainda estão relacionadas às Bruxas e Santas que foram descritas enquanto “rótulos do patriarcado” aos perfis femininos aqui apresentados, porém, agora somadas à mais um elemento interseccional de gênero: a religião.

Por conta dessas desconfianças e constrangimentos, essa moradora, assim como outras jovens da comunidade, se converteram à religião evangélica, compondo um coletivo intitulado “Mulheres Virtuosas”, que a Dona Teresa Cantuária é uma das fundadoras. Sendo assim, aqueles jovens que se encontravam no fim do dia para uma cerveja na cantina, passaram a frequentar, no mesmo horário, os cultos que acontecem no prédio vizinho à cantina, que antes fora uma oficina do presídio, mas que foi reformado pela comunidade para funcionar a Igreja, sendo o esposo da Dona Teresa, Sr. Getúlio Cantuária, seu pastor.

Conversei com muitos moradores, em especial com essas amigas que haviam mudado suas rotinas, convidando-as para a nossa despedida. Apesar de emocionadas e de doarem cebola, tomate, ... e seus maridos trazerem da pesca aquele peixe espada fresquíssimo, não poderiam participar presencialmente.

Imagem 24- Andersom chegando da pescaria com os peixes frescos que seriam preparados para o evento. Ao fundo, as ruínas do prédio mais antigo da Vila, onde hoje funciona o MUMA



Fonte: Arquivo pessoal

A despedida foi feita de forma bem alegre, com muito peixe fresquinho e aquela dose de conhaque... tudo aquilo que o Ainton tanto gostava. Apesar de alguns de seus melhores amigos não estarem conosco na cantina, seguiram para a Igreja e cantaram seus louvores alto o suficiente para que todos pudéssemos ouvir .

Aproveito para apresentar uma Mulher de grande importância na minha vida, uma das minhas “Mães”, Maria José, mais conhecia como Tetê, responsável pela cantina da Vila, quem, aliás, preparou esses peixes para a nossa despedida.

Tetê, à princípio, seria uma das minhas protagonistas desta história, mas em função de algumas questões que esclarecerei mais adiante, não foi possível realizar as entrevistas com essa pessoa ímpar, muito presente nas vidas da comunidade, mesmo que de forma polêmica.

Então, deixo aqui minha homenagem e um pouco dessa personalidade curiosa e muito imprevisível da comunidade.

Imagem 25 - Cantina da Vila. Ao fundo, Tetê com alguns amigos organizando a despedida.



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 26 - Tetê e eu, na cantina, na noite da despedida do nosso amigo Ailton



Fonte: Arquivo pessoal

**Pé - Sujo** Juarez Becoza

## A dois passos do paraíso

**S**e o leitor é desses que gosta de sair do táxi na porta do boteco, nem se dê ao trabalho de continuar lendo. Pois para chegar no bar aí da foto é preciso muita perna... Eu, por exemplo, quase sucumbi à revolta de meus joanetes e por pouco não desisti no meio dos 14 quilômetros de caminho, vencidos a pé por uma estrada no meio da mata. Mas a certeza de que conheceria um botequim singular manteve meu rumo na direção de Dois Rios, vila mais isolada da Ilha Grande, onde funcionou o lendário Presídio Cândido Mendes.

Como toda prisão, a da Ilha Grande tinha a sua cantina, que ficava fora da carceragem e servia tanto guardas quanto prisioneiros. Só que estes últimos não tinham acesso a bebidas e, se decidissem aproveitar a saída para fugir, levavam ba-

la. O presídio foi demolido em 1994, mas a cantina foi preservada e funciona até hoje. Como mercearia, botequim e inusitado memorial.

Sua arquitetura é a mesma da antiga cadeia. A entrada é uma pesada grade, e uma genuína porta de cela guarda o acesso ao banheiro. Tudo é cuidado com esmero por dona Teresa e seu Otair, que já trabalhavam lá na época do presídio e hoje fornecem comida caseira e cerveja gelada a alunos e pesquisadores da Uerj, que instalou na vila um Centro de Estudos Ambientais. Uma comunidade isolada, onde a Cantina do Presídio é a única opção de lazer. Além, é claro, da belíssima Praia de Dois Rios, logo ali a dois passos.

>> **Cantina do Presídio:** Vila de Dois Rios s/nº, Ilha Grande — (0xx24) 3361-9223. Diariamente, das 8h às 22h. C.C.: Nenhum.

Juarez Becoza



A PORTA DE uma cela instalada na Cantina do Presídio, na Ilha Grande

Blog: [www.oglobo.com.br/blogs/juarez](http://www.oglobo.com.br/blogs/juarez)

Fonte: Acervo Jornal O Globo

### 3.2 Entrevistas

O narrador conta o que ele extrai da experiência — sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história.<sup>53</sup>

53 BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. Magia e Técnica, Arte e Política (Obras escolhidas, v. 1). São Paulo: Brasiliense, 2012, pp. 197-222.

Apesar do relato a seguir tratar de trabalho de campo efetivo para esta dissertação, escolhi apresentá-lo separado dos demais, por também tratar de uma conclusão com relação às transformações ocorridas no território, em especial acerca das áreas de atuações profissionais das mulheres da comunidade e mais as reflexões quanto as possíveis representações sociais, evidentes na localidade, como uma espécie de recorte do próprio país em tempos tão sombrios.

Sem querer parecer pretenciosa, trago as narrativas de tempos passados agora já sugeridas como elementos determinantes de um perfil social contraditório e conflituoso.

Assim como explico na introdução deste trabalho, as entrevistas foram comprometidas por algumas questões, que serão apresentadas aqui. Porém, não houve alteração nos objetivos a que se propõe, apenas uma nova configuração acerca das personalidades aqui protagonizadas.

Em 2018 ingressei no Programa de Pós Graduação em Cultura e Territorialidades com este projeto já idealizado. Porém, eventos como as Eleições Presidenciais, neste mesmo ano, trouxeram uma nova perspectiva ao meu trabalho, visto que durante a campanha presidencial novos fatos foram se apresentando nos contatos que mantinha com a comunidade. Por exemplo, a constatação de que sua grande maioria apoiava o candidato da extrema direita, claramente misógino e racista: Recebia, diariamente, comentários em minhas publicações nas redes sociais sobre o candidato em questão, o apoiando e também, muitas vezes, criticando e ofendendo qualquer outro comentário que fosse contrário a ele.

Mesmo com toda a intimidade com essas pessoas, eu não conseguia compreender suas opções neste quesito, em especial por se tratarem de mulheres e que, em sua maioria são negras, ou seus descendentes o são, como seus filhos e netos. Ainda tentava conversar, esclarecendo sobre essas opções que iam de encontro com suas realidades, mas sempre fui retrucada com argumentos pouco coerentes, mas definitivos em suas colocações.

Sobre isto, pude chegar à dois elementos que, muito provavelmente, contribuíram para essa escolha: Primeiro, o fato de que mais da metade da comunidade havia se convertido à religião evangélica, cujos representantes das mais altas hierarquias apoiavam publicamente o candidato, este que também assumiu a “bandeira” cristã em suas propostas de governo; Em segundo, e não pretendo me estender neste ponto, apesar de não poder omití-lo, temos uma das mulheres da comunidade como tesoureira

do partido deste candidato na época, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Esta mesma personalidade que já foi citada anteriormente no caso de apropriação indevida de viga de madeira encontrada em seu terreno e que processou a UERJ por invasão. Seus irmãos, inclusive, que são ex funcionários do presídio, sofreram processo quanto à práticas milicianas em que a relatora foi a Vereadora Marielle Franco. É possível confirmar tais informações a partir de matérias publicadas nas mídias, incluindo fotos do presidenciável, seu filho, a tesoureira e seus irmãos.

Dito isto, e passadas as eleições com seus resultados e consequências na atual conjuntura do País, no final do ano de 2019 retornei à Vila Dois Rios para a primeira parte das entrevistas. Para tal, entrei em contato com a administração da UERJ para esclarecer sobre minha visita à comunidade, apesar de não depender da estrutura da instituição para minha estadia. Agendei transporte junto à Associação de Moradores da Vila Dois Rios e fui hospedada pela Marilda Caires, uma de minhas protagonistas.

Mesmo antes de atravessar a baía para a Ilha, encontrei professores e estudantes da UERJ, para os quais mediei compra de passagens e orientação para o traslado. Em Vila do Abraão, fui sua condutora até o ponto de partida dos carros oficiais para a Vila Dois Rios.

Ali mesmo, de onde saem os carros, reencontrei alguns dos moradores e amigos, que já me atualizaram de todas as novidades, em especial sobre os conflitos recorrentes entre seus integrantes. Assuntos sobre disputa de transporte para turistas com as lanchas adquiridas para sustento de algumas famílias, antes amigas, e agora concorrentes. Incluindo o fato de que a Vila agora já tinha amplo sinal de telefonia celular e internet, levando os conflitos do passado para novas plataformas, incorrendo em trocas de denúncias, notícias contraditórias e imagens comprometedoras com títulos ofensivos.

Novamente estive insegura quanto à minha recepção na comunidade: Claramente eu representava uma postura de esquerda, não religiosa e que nunca deixou de colocar suas opiniões nos debates mais calorosos. Apesar disso, pude constatar, mais uma vez, o quanto eu era querida, respeitada e bem-vinda: deveria ficar por um final de semana, mas acabei ficando 10 dias.

Como já era do meu perfil, passei o primeiro dia andando pelas ruas, reencontrando pessoas queridas e ouvindo suas novidades. Aproveitava para esclarecer os objetivos da minha presença ali, naquela ocasião, para que todos soubessem que se tratava de um trabalho acadêmico, cujo foco eram as histórias deles e o quanto essas me eram importantes.

Ao visitar a cantina, não encontrei a Tetê, que estava em Campo Grande para exames médicos seus e de seu esposo. Seu filho Wesley, também meu grande amigo, cobria as demandas do estabelecimento e me recebeu com o carinho e o café com conversas, de sempre!

Percebi, logo que adentrei o espaço da cozinha, que a imagem de São Cosme e São Damião não estava mais exposta em cima da porta. Perguntei o que havia acontecido e descobri que, também a Tetê, havia se convertido à religião evangélica.

Imagem 28 – Café na cantina, com os amigos da comunidade. À frente, na esquerda, Wesley, filho da Tetê e à direita, Marilda, minha protagonista e anfitriã.



Fonte: Arquivo Pessoal

Também estive nos espaços do Ecomuseu, agora já ampliados em seus núcleos espaciais e conceituais. Fui recepcionada no Museu do Meio Ambiente pela minha ex colega de trabalho, Edequécia Cantuária, que quando lá trabalhei era recepcionista do Museu do Cárcere e que agora é supervisora da equipe de mediadoras das dependências multiplicadas. O que também significa que novas áreas de trabalho surgiram no Ecomuseu, sendo prioritariamente ocupados por mulheres que residem na Vila.



Imagem 29 – Museu do Meio Ambiente (MUMA). Eu e Edequécia Cantuária.



Fonte: Acervo pessoal

Com relação ao CEADS, departamento responsável pela administração da Vila, tive uma preciosa e significativa surpresa: o cargo de Administrador da Vila havia sido ocupado, pela primeira vez, por uma mulher. Além disso, também foi a primeira vez que alguém da comunidade ocupava esse cargo. A Kelly Cristine de Almeida, que já visitava a Vila desde a época do presídio e que mudou-se definitivamente depois de sua desativação. Já com a estrutura do CEADS pronta, foi contratada para trabalhar na secretaria da administração, onde ficou por anos, até enfim, assumí-la definitivamente.

Minhas entrevistas deram início com a minha anfitriã, Marilda Caires. Saimos de sua casa às 9h em ponto. Ela carregava a sua garrafa de café bem cheia e o rádio, companheiros assíduos dos seus dias fazendo artesanato na sede do Ecomuseu, onde fica a oficina. Enquanto eu, além do gravador, carregava dois entre as suas dezenas de

guarda-chuvas que compõem sua coleção multicolorida: \_Pega os de cabo de madeira, Sassá, que hoje vai ter chuva de vento!\_ Me disse ela.

Depois de duas horas de gravações, mais outras de boa conversa e muito café, admirei mais aquela mulher forte, que mudou-se para a Vila na busca de uma vida mais feliz, passou por restrições e dissabores, casou-se novamente, criou seus filhos e seu neto, mas que continuava sonhando com viagens e buscando por novas formas de viver sua vida. Quando já não acreditava poder ir mais além, encontrou no seu artesanato, feito com os resíduos sólidos da região, novo estímulo e uma autoestima invejável: \_ Eu ainda vou viajar muito por aí, Sassá, mas enquanto isso, são as minhas peças que ganham o mundo!

Em uma das minhas tantas caminhadas pela vila, de um destino à outro, com desvios feitos pelos avistados amigos que gritavam de alguma direção, encontrei o Sr. Cantuária, por quem tenho muito carinho. Enquanto nos atualizávamos, um ao outro, sobre nossas famílias, aproveitei a oportunidade para pedir seu apoio na abordagem com sua esposa, Dona Teresa, para realizar a entrevista. Duas coisas me preocupavam: sua enorme timidez e o fato de que seu filho, meu ex namorado, estava morando novamente com eles, junto de sua esposa e filho. E acontece que naquele pequeno espaço de tempo, várias pessoas já haviam me alertado de o quanto sua esposa era ciumenta. Sr. Cantuária me tranquilizou acerca das duas questões e marcamos uma visita em sua casa.

Primeiro uma visita para explicar do que se tratava a entrevista e garantir que não estaria criando nenhum constrangimento na família com a minha presença. Dona Teresa concordou e no dia seguinte voltei a sua casa. Ela já me aguardava e me surpreendeu quando avisou ao marido: \_ Sai daqui, Getúlio, que agora quem vai ser entrevistada sou eu!\_ E falou por 40 minutos, ora rindo de suas lembranças, ora como se preferisse esquecer.

Sai de lá com um convite que não poderia recusar: comparecer à comemoração de aniversário do grupo “ Mulheres Virtuosas”. Devo confessar que fiquei muito emocionada por ter aceitado o convite e também por ter sido muito bem recebida na comemoração, mesmo não sendo da religião. As mulheres, muito bem vestidas, cantavam seus hinos enquanto era inevitável ter meus olhos cheios d'água!

As entrevistas seguiram, desta vez com a Celi. Com muito orgulho ela me apresentou as melhorias que tinha feito na sua casa, detalhe por detalhe. Também me mostrou o ninho de passarinho na sua varanda: \_ Aqui nasceram todos esses cantos que a gente escuta. Não sei porquê essa gente tem mania de prender passarinho... Olha aí,

Sassá, eles nascem e ficam por aqui mesmo!

O papo rende com a Celi. Falamos por mais de duas horas, com muito café, claro! Ela ainda sente muitas dores nas costas e, que, ao que parece, irradia para sua perna: \_Cheia de pinos, amiga! Mas não tem nada não. O importante é que vai se resolver.

Com a Tereza Buiu a conversa também fluiu por horas. Sentadas na sua sala, as vezes interrompidas por moradores que compram cerveja e cigarro com ela.

Ali ouvindo a ouvindo, ia percebendo como essas mulheres compartilham das mesmas histórias, mas cada uma tem seu modo de apresentar os detalhes, chamar atenção de um fato esquecido por outra, ou mesmo suprimindo detalhes que não as favoreceriam. Mas afinal, somam-se muitos anos de convivência naquele lugar, que como diz Tereza: \_ É tão parecido com o paraíso que a gente precisa inventar um problema.

Agora, apresento um exercício que fiz com as minhas entrevistadas acerca das áreas de atuação profissional ocupadas pelas mulheres da Vila, comparadas às dos homens, usando o critério de que só deveriam citar aquelas e aqueles que tivessem emprego formal, ligados às instituições presentes. O que todas nós constatamos e que nos deixou felizmente surpresas, era de que haviam mais mulheres do que homens: 20 Mulheres x 11 Homens.

Em uma tarde nos reunimos eu, Marilda, Celi e Tereza Buiu, para nosso café com histórias e gargalhadas, na varanda cativa da casa da Tereza. Munidas de flyers e brindes adesivados, me apresentaram o projeto de turismo comunitário, Juntos por Dois Rios. Trata-se de uma iniciativa delas e de mais alguns moradores, para receberem os turistas na Vila, apresentando seu território e contando suas histórias, além de oferecerem refeições e apresentarem seu artesanato. Muito bacana que elas quisessem as minhas sugestões e opinião. Fiquei feliz por seus envolvimento. Mas manter a harmonia entre grupos formados na comunidade pode ser um grande desafio. Talvez essa tenha sido a minha melhor contribuição neste anos todos, promovendo ações educativas como arte educadora, ou formado equipes organizadoras para as festas da comunidade!

Imagem 30 – Brinde do Projeto Juntos Por Dois Rios



Fonte: Arquivo pessoal

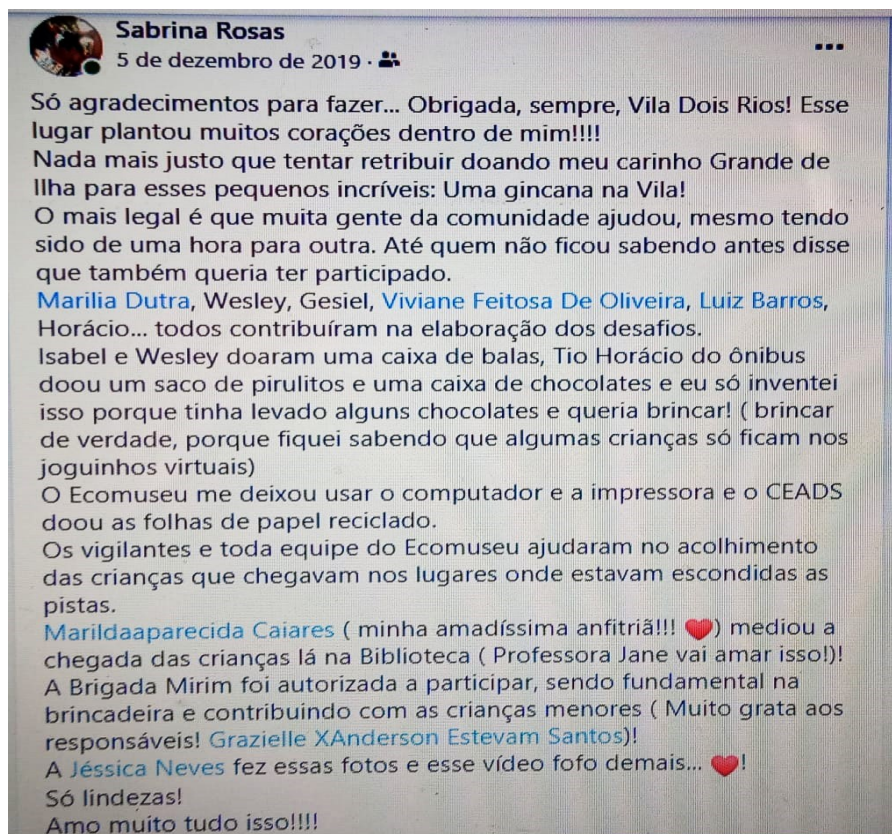
Mas também não posso deixar de voltar às crianças, seus filhos e netos, que de alguma forma unem toda a comunidade. Por eles, os adultos esquecem suas desavenças e reforçam laços de solidariedade. Afinal, o que mais faria uma Mãe, não é mesmo?

E eu, como uma boa filha, renascida ali mesmo da Ilha, só poderia retribuir de um jeito: Organizando uma gincana com a participação da comunidade, feita para as crianças da Vila!

Elaborei charadas e espalhei por espaços comuns da Vila. Cada pista levava à outro espaço, com um mimo e mais uma pista. Enquanto as crianças estavam na escola, fui escondendo os itens e conversando com moradores e funcionários que estariam por perto na ocasião do evento.

Foi uma loucura... Era criança correndo para todo lado! Mas nada poderia ter sido mais apropriado do que percorrer novamente todos estes espaços acompanhada de suas respirações ofegantes e gargalhadas .

Imagem 31 – Publicação de agradecimento



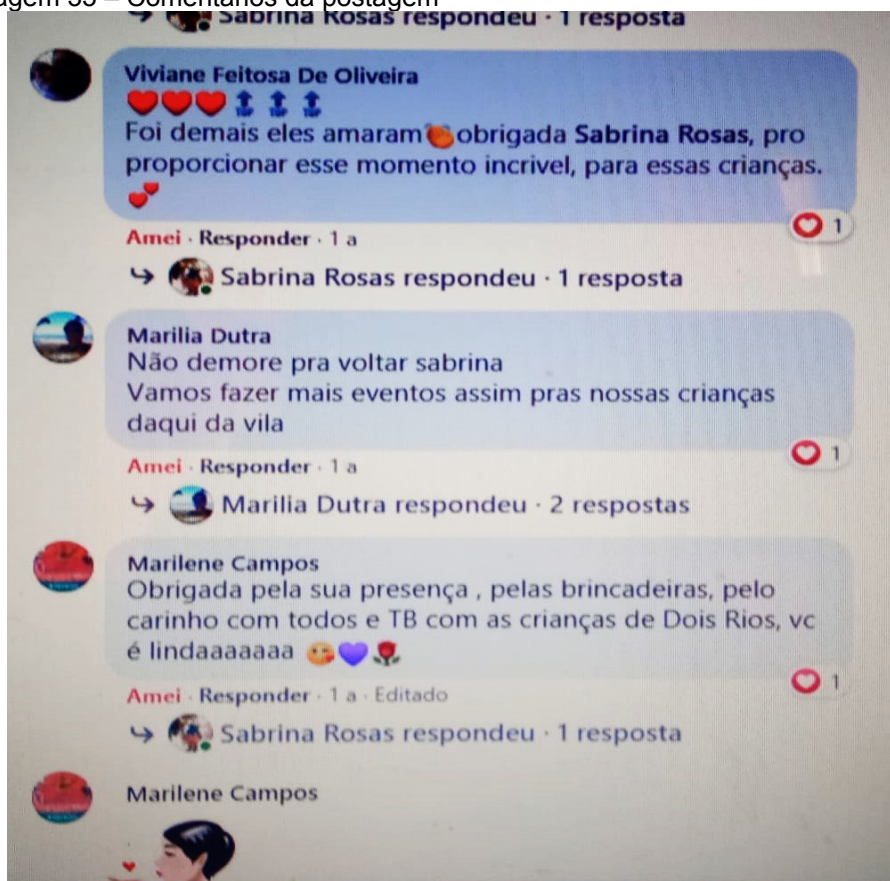
Fonte: <https://www.facebook.com/sabrina.rosas.583/posts/10158974217474338>

Imagem 32 - Gincana



Fonte: <https://www.facebook.com/sabrina.rosas.583/posts/10158974217474338>

Imagem 33 – Comentários da postagem



Fonte: <https://www.facebook.com/sabrina.rosas.583/posts/10158974217474338>

Havia me comprometido a voltar no início do ano seguinte, para segunda parte das entrevistas, mas por razão de doença em família não foi possível. Ainda, em Março de 2020, fomos surpreendidos com a Pandemia do Coronavírus, levando-nos todos a esse longo período de quarentena.

Converso com a comunidade quase todos os dias, preocupada, porque nem sempre seus integrantes cumprem com as normas de isolamento, indo e voltando da Ilha para o Continente. Ainda me cobram a volta e eu aguardo ansiosa pela oportunidade e, principalmente, pela Vacina.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I / Giorgio Agamben; tradução de Henrique Burigo. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- ANCHIETA. José de. Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933
- ALVES, Rubens – Escutatória , in Correio Popular, 1999;
- BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. Magia e Técnica, Arte e Política (Obras escolhidas, v. 1). São Paulo: Brasiliense, 2012;
- BHABHA, Homi K. - O Local da Cultura, [tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves] Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998;
- BOSI, Ecléa – Memória e Sociedade:Lembrança dos Velhos / Ecléa Bosi \_ 3 ed \_ São Paulo: Companhia das Letras, 1994;
- BRASIL DOS REIS. Apontamentos para a história da Ilha Grande. Gazeta de Angra, 1940
- CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas. São Paulo: EdUSP, 1998
- CAPAZ, Camil. Os Indígenas na Baía da Ilha Grande. Angra dos Reis: Conselho Municipal de Cultura, 1988
- CAPRA, Fritjof. A Teia da Vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Editora Cultrix, São Paulo, 1996.
- CONY, Carlos; LEE, Anna. Jóia dos Reis: Há 420 anos, o primeiro colono. Rio de Janeiro: Editora Caringi, 2005
- DONNE, Jonh - “Meditações”. [tradução Fabio Cyrino]. Edição bilíngue, São Paulo: Editora Landamark, 2007;
- FEDERICI, Silvia. Calibã e a Bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva. Rio de Janeiro: Elefante,2004
- GARCIA, Loreley. Ecofeminismo: múltiplas versões. Revista Ártemis- Vol. 10, Jun 2009, p. 96□118.
- GUATTARI, Félix - As Três Ecologias [tradução Maria Cristina F. Bittencourt] Campinas, S.P. Papyrus, 1990
- HAESBAERT, Rogério. Território e Multiterritorialidade: Um debate. In GEOgraphia -Ano IX -No 17 -Universidade Federal Fluminense-2007
- LIMA, William da Silva. Quatrocentos contra um: uma história do Comando

Vermelho. Rio de Janeiro: Iser/Vozes, 1991.

-LIMA, Honório. Notícia histórica e geográfica de Angra dos Reis. Revisada, ampliada e anotada por Alípio Mendes. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974

-MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

-MELLO, Carl Egbert Hansen Vieira. Apontamentos para servir à História Fluminense: (Ilha Grande) Angra dos Reis. Angra dos Reis: Conselho Municipal de Cultura, 1987

-PRADO, Rosane. (org.). Ilha Grande: do sambaqui ao turismo. Rio de Janeiro: Garamond/EDUERJ, 2006

-RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista: gênero e história. IN PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.)- MASCULINO, FEMININO, PLURAL. Florianópolis: Mulheres, 1998.

-RIBEIRO, Ana Clara T. Homens Lentos, Opacidades e Rugosidades. In: Redobra. Salvador, v.9. p.58-71, 2012.

-SCAVORE, Lucila. A Maternidade e o Feminismo: diálogo com as ciências sociais.

-SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EdUSP, 2006.

-SANTOS, Myrian Sepúlvida dos. A Prisão dos Ébrios, Capoeiras e Vagabundos no Início da Era Republicana. Topoi Revista de História, v.5, p. 138 – 169, 2004

-SANTOS, Myrian Sepúlvida dos. 2006. Construção da violência: o caso da Ilha Grande. Ilha Grande : do sambaqui ao turismo / organizadora , Rosane Manhães Prado – Rio de Janeiro : Garamond :EDUERJ

-TENÓRIO, Maria Cristina. “Povoamento pré-histórico da Ilha Grande”. In: PRADO, Rosane (org.). Ilha Grande: do sambaqui ao turismo. Rio de Janeiro; Garamond/EDUERJ, 2006